



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS**

LETÍCIA SANTOS RODRIGUES

**NEOLOGISMOS ANTROPONÍMICOS COM BASE NA UTILIZAÇÃO DE
FORMATIVOS GERMÂNICOS NO BRASIL**

Salvador
2016

LETÍCIA SANTOS RODRIGUES

**NEOLOGISMOS ANTROPONÍMICOS COM BASE NA UTILIZAÇÃO DE
FORMATIVOS GERMÂNICOS NO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito para obtenção do grau de Bacharela em Letras Vernáculas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Antonia Vieira dos Santos

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliana Soledade Barbosa Coelho

Salvador
2016

R696 Rodrigues, Letícia Santos

Neologismos antroponímicos com base na utilização de
formativos germânicos no Brasil./Letícia Santos Rodrigues,_
Salvador: UFBA, 2016.

76f.

Monografia apresentada ao curso de Letras Vernáculas,
Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito
para obtenção do grau de Bacharela em Letras Vernáculas.

Orientadora: Juliana Soledade

1. Onomástica 2. Antropônimos 3. Germanismos 4. Neologia-
antroponímica 5. Universidade Federal da Bahia

I. Soledade, Juliana

CDU 81'373.231(81)

LETÍCIA SANTOS RODRIGUES

**NEOLOGISMOS ANTROPONÍMICOS COM BASE NA UTILIZAÇÃO DE
FORMATIVOS GERMÂNICOS NO BRASIL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação em Letras Vernáculas, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharela em Letras Vernáculas.

Aprovada em _____.

Prof.^a Dr.^a Antonia Vieira dos Santos – Orientadora
Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. João Paulo Lazzarini Cyrino
Doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo
Universidade Federal da Bahia

Prof. Me. Mailson dos Santos Lopes
Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

À memória de meu dindo, Jailton, pelo exemplo.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por nunca desistirem de sonhar esse sonho comigo e pelo apoio que foi, é e sempre será fundamental.

Aos meus avós que, em terra ou no céu, sempre olharam por mim e guiaram os meus caminhos.

Aos amigos e companheiro que presenciaram minha trajetória e contribuíram com suas palavras de carinho e força.

À minha orientadora do coração e mentora deste projeto, Juliana Soledade, pela paciência, confiança e amizade.

À minha orientadora, Antonia Vieira, que aceitou o desafio e contribuiu imensamente com seus ensinamentos.

Aos demais professores que, até mesmo sem imaginar, contribuíram em demasia para que eu conseguisse chegar aqui e fizeram parte da minha trajetória acadêmica: Alan Baxter, Ariadne Domingues e Ari Sacramento.

A todos os colaboradores, especialmente Sandra Batista, que tornaram este trabalho possível.

À Editora da UFBA, pelo aprendizado imensurável e por sempre acreditar no meu trabalho, compreendendo as dificuldades do caminho.

Ao meu amado grupo PET-Letras, que me proporcionou experiências incríveis e do qual tive o prazer de ser integrante durante quase toda a graduação.

A todos vocês, o meu mais sincero agradecimento.

Johann Wolfgang Von Goethe

O nome de um homem não é como uma capa que lhe está sobre os ombros, pendente, e que pode ser tirada ou arrancada a bel prazer, mas uma peça de vestuário perfeitamente adaptada ou, como a pele, que cresceu junto com ele; ela não pode ser arrancada sem causar dor também ao homem (MENDES, 2009).

RODRIGUES, Letícia Santos. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. 2016. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RESUMO

Muitos dos registros de um povo, bem como sua cultura, sua organização social e suas crenças podem ser observadas na escolha dos nomes próprios, prática que remonta ao início dos tempos e que, em face desses aspectos, merece a atenção da linguística e dos seus estudiosos. Neste trabalho, busca-se aliar pesquisas em morfologia à onomástica – ciência que se dedica ao estudo das origens e processos que formam os nomes próprios, mais particularmente, aos nomes de pessoas, ramo denominado de antroponímia. A escolha de um antropônimo não é desmotivada e pode obedecer a aspectos como o fonético, etimológico, semântico ou, ainda, atender ao desejo da unicidade, fator primordial para criação de neologismos antroponímicos. Nesta investigação, buscou-se observar a recorrência da utilização de formativos germânicos na construção de antropônimos neológicos devido ao fator histórico da ocupação da Península Ibérica por povos germânicos, que trouxe reflexos para o sistema antroponímico do Brasil, país de colonização portuguesa. O *corpus* analisado foi a lista de aprovados na Universidade Federal da Bahia, em 2005, o mesmo utilizado no projeto “Todos os nomes”, coordenado pelas professoras doutoras Ariadne Almeida, Juliana Soledade e Tânia Lobo e desenvolvido entre os anos de 2007 e 2009, no âmbito do Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR). Verificou-se a presença de antropônimos neológicos através do critério de não constarem nos principais dicionários onomásticos em língua portuguesa: *Dicionário etimológico da língua portuguesa - Tomo II*, de Antenor Nascentes (1952), e no *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, de José Pedro Machado (2003), além da Bíblia (pois os nomes bíblicos possuem um caráter tradicional). O estudo em questão visa demonstrar que os neologismos antroponímicos criados na Bahia têm por base o modelo morfolexical dos nomes próprios germânicos que herdamos da colonização portuguesa.

Palavras-chave: Onomástica. Antropônimos. Germanismos. Neologia antroponímica.

RODRIGUES, Letícia Santos. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. 2016. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ABSTRACT

Many of the records of a people and its culture, social organization and beliefs can be seen in the selection of proper names, a practice which dates back to the beginning of times and which deserves Linguistics and scholars' attention. In this research, we seek to join the studies of Morphology with Onomastics – science dedicated to the study of the origins and processes that form proper names, mainly, personal names, a field called Anthroponomastics. Choosing an anthroponym is not unmotivated and can obey to aspects such as phonetical, etymological, semantical or even suit the desire for uniqueness, a key factor for creating anthroponymic neologisms. In this study, we sought to observe the recurrence of the use of German formatives in building neological anthroponyms due to a historical factor, the occupation of the Iberian Peninsula by Germanic people, who influenced Brazil's anthroponymic system, of Portuguese colonization. The analyzed corpus was the approved list of Federal University of Bahia, in 2005, the same used in the project "Todos os nomes", coordinated by Professors Ariadne Almeida, Juliana Soledade and Tania Lobo and developed between 2007 and 2009, under the research group called Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR). It was only considered a neological anthroponym, if it did not appear in the main dictionaries of first names in Portuguese: *Dicionário etimológico da língua portuguesa - Tomo II*, by Antenor Nascentes (1952), e no *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, by José Pedro Machado (2003), also the Holy Bible (because biblical names have a traditional character). The study aims to demonstrate that anthroponymic neologisms created in Bahia are based on German morpholexical pattern we have inherited from Portuguese colonization.

Keywords: Onomastics. Anthroponyms. Germanism. Anthroponymic neology.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Antropônimos a partir da recuperação etimológica dos formativos germânicos	27
Quadro 2	<i>Corpus</i> selecionado a partir da existência de formativos germânicos	35
Quadro 3	Formativos germânicos quanto à forma antiga e ao significado etimológico	55
Quadro 4	Formativos germânicos quanto aos nomes dicionarizados e às ocorrências encontradas no <i>corpus</i>	57
Quadro 5	Formativos germânicos quanto à posição que podem desempenhar na estrutura dos prenomes	60
Quadro 6	Prenomes quanto ao sexo dos indivíduos	62
Quadro 7	Formativos mais produtivos para a primeira base (ou base mais à esquerda)	64
Quadro 8	Formativos mais produtivos para a última base (ou base mais à direita)	64

SUMÁRIO

1	PRELÚDIO	13
2	CONCEPÇÃO DE MORFEMA	14
3	MAS O QUE É UM NOME PRÓPRIO?	17
4	COMO UTILIZAMOS OS NOMES PRÓPRIOS	19
5	JUSTIFICATIVA	21
6	A INVASÃO BÁRBARA E A INFLUÊNCIA GERMÂNICA NO LÉXICO DO PORTUGUÊS	23
7	COMO SE FORMAVAM OS ANTROPÔNIMOS GERMÂNICOS?	26
8	NEOLOGISMOS: O QUE SÃO E COMO SE FORMAM?	27
8.1	PRINCIPAIS MECANISMOS DE FORMAÇÃO DE NEOLOGISMOS	30
8.1.1	Derivação imprópria	30
8.1.2	Sufixação	30
8.1.3	Composição	31
8.1.4	Braquissemia	31
8.1.5	Acrossemia	32
8.1.6	Anagrama	32
8.1.7	Empréstimos	32
9	METODOLOGIA	33
10	ANÁLISE DOS DADOS	35

10.1	-ALDO/-NALDO/-VALDO	37
10.2	-BERG	39
10.3	DEL-	41
10.4	ED-/EDI-/EDE-	42
10.5	-ELMA/-ILMA	44
10.6	-ELZA/-ILZA/-ILZE	45
10.7	FRANCI-	46
10.8	GER-	47
10.9	GIL-	47
10.10	-ILDA/-ILDES/-ILDO	48
10.11	-LAND-	50
10.12	LIND-	50
10.13	-MAR	51
10.14	-MIR	53
10.15	VAL-/VAL/-VALD-	53
10.16	VAN-/VAN	54
10.17	OUTROS CASOS	55
11	DISCUSSÃO DOS DADOS	55
12	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
	REFERÊNCIAS	66

APÊNDICE A – Segmentação dos formativos relativos aos prenomes 71
encontrados no corpus

ANEXO A – Poema *O nome*, de Orides Fontela 76

1 PRELÚDIO

Muitos dos registros de um povo, bem como sua cultura, sua organização social e suas crenças podem ser observados na escolha dos nomes próprios, prática que remonta ao início dos tempos e que, em face desses aspectos, merece a atenção dos estudiosos. Afinal, “a posse de um nome é, e tem sido desde tempos imemoriais, privilégio de todo o ser humano” (ULLMANN, 1967, p. 148). E são muitas as situações em que os nomes se mostram protagonistas, como na literatura, veja-se, por exemplo, o poema *O nome*, de Orides Fontela (ver Anexo A), ou em expressões cotidianas que representam metonimicamente o indivíduo, como em “nome sujo” ou em “eu mudo meu nome” caso algo não aconteça.

Para tanto, este trabalho se insere no âmbito da onomástica, área da linguística que se dedica ao estudo dos nomes próprios, quer se direcionem para as suas origens, quer para os seus processos de formação, quer para a sua organização no léxico das línguas e também no meio social. A onomástica se subdivide em diversas subáreas, de acordo com a natureza dos referentes. Assim, o estudo dos nomes próprios de santos é chamado de hagianímia, dos nomes próprios de corpos celestes, astronímia, dos nomes de personagens mitológicos, mitonímia, dos nomes próprios de marcas industriais ou artigos comerciais, onionímia, entre outros. Destacam-se, sobretudo, duas subáreas principais: a toponímia e a antroponímia. A toponímia refere-se ao estudo dos nomes de lugares, juntamente com sua origem e evolução. Já a antroponímia, objeto sobre o qual nos deteremos neste trabalho, se dedica ao estudo dos nomes próprios de pessoas, seja do nome completo (prenome e sobrenome), seja de suas partes, considerando origem, forma e evolução.

A função do nome próprio é notória. Seria difícil mesmo imaginar uma sociedade que não atribua vocábulos designativos a pessoas, animais, lugares e alguns até mesmo a objetos. Assim é que Carvalhinhos (2007, p. 2) apresenta uma visão mais relacionada ao aspecto sociocultural ao dizer que “o nome próprio tem como função registrar atitudes e posturas sociais de um povo, suas crenças, profissões, região de origem, entre outros aspectos [...]”. Salientando a importância do estudo da antroponímia brasileira, Mota (2013, p. 29) afirma:

[...] o uso linguístico faz parte do comportamento dos indivíduos, por esse motivo, não acontece isoladamente, e, estando esse uso relacionado à cultura e à história das comunidades linguísticas, o estudo de como as pessoas são chamadas e ‘tratadas’ pode desvendar importantes aspectos históricos e culturais de um povo.

Assim, este estudo, que tem por objetivo desvendar aspectos morfológicos da formação de antropônimos de caráter neológico no português do Brasil, vê-se também ancorado em reflexões de cunho sócio-histórico-cultural que poderão contribuir para a compreensão do fenômeno linguístico aqui abordado. Com essa finalidade, organizamos o estudo em 12 seções, a contar a partir deste breve prelúdio. A seção 2 se destina a uma reflexão importante para o desenvolvimento deste trabalho acerca do conceito de morfema e as implicações para sua adoção na identificação de elementos de natureza morfológica que sejam constituintes de nomes antroponímicos. Na seção 3, elencamos algumas características já estudadas por diversos autores que podem ajudar a diferenciar um nome próprio de um nome comum, para além dos métodos tradicionais ensinados na escola (como o uso de maiúscula). A seção 4 trata de como os nomes próprios têm sido utilizados no Brasil e algumas diferenças em relação à norma portuguesa. Na seção 5 traçamos uma breve fundamentação a respeito da importância de trabalhos em onomástica. A seção 6 faz um recorte do processo formativo do português, ocorrido na Península Ibérica, tratando de algumas situações de contato que trouxeram importantes influências para a realidade atual, notadamente, com os povos germânicos. A seção 7 apresenta, a partir das observações de Piel (1960) e Mattos e Silva (2003), o método utilizado pelos germânicos nos seus processos de nomeação, uma das peças-chave para a análise do *corpus* selecionado. Os processos de formação de antropônimos neológicos são mais bem delineados na seção 8. Na seção 9, está descrita a metodologia adotada, preparando para a etapa de análise e segmentação dos prenomes, descrita na seção 10. A seção 11 é destinada à discussão dos dados encontrados. A seção 12 apresenta as considerações finais a respeito das possíveis descobertas encontradas, seguida das referências. Por fim, o apêndice, que traz a segmentação mórfica dos prenomes encontrados no *corpus*, e o anexo.

2 CONCEPÇÃO DE MORFEMA

Ressaltamos que para se realizar um trabalho em morfologia é necessário, inicialmente, entender de que se trata essa área da linguística e qual o objeto de estudo a que ela se direciona. Sandmann (1992, p. 11) afirma que:

O estudo da morfologia é então o estudo da palavra, não das funções que ela pode desempenhar dentro da frase, que seria objeto da sintaxe, nem de sua composição fônica ou silábica, o que seria tarefa da fonologia, mas de sua composição ou estrutura: se palavra variável ou invariável, isto é, se, em

função de sua semântica ou papel na frase, ela pode ser ou não acrescida de unidades constitutivas, em geral significativas, chamadas flexões [...].

Destacamos que a importância atribuída à palavra também se refere à sua possibilidade de segmentação em constituintes mínimos, tradicionalmente conhecidos como morfemas. Portanto, o morfema é um dos pontos-base para qualquer estudo no âmbito da morfologia e o seu conceito vem sendo problematizado por alguns autores devido à dificuldade de sua aplicação a diversas situações. Soledade e Lopes (2015), ao elencarem a perspectiva de diversos autores, como Bloomfield (1933), Matthews (1974), Langacker (1977), Laroca (1994), Kehdi (1996), Câmara Jr. (1997, 1998), Monteiro (2002) etc., refletem justamente sobre a definição de morfema que se mostra, tradicionalmente, como uma entidade significativa indivisível, mínima e recorrente – guardadas as devidas divergências em uma ou outra proposta acerca do que se entende por “significação” ou pela inclusão de algumas outras características. Para tanto, os autores propõem que o morfema seja estudado sob a perspectiva de um *continuum*, como fica claro na seguinte passagem:

Não somente o rol de elementos mórficos se estabelece como não-modular, ou seja, sob um esquema de um *continuum*, mas também o que se pode considerar como morfema, no âmbito da composição, da derivação e da flexão. O componente morfológico da língua se mostra como um sistema estruturado sob a forma de um contínuo tipológico, em todas as suas facetas de manifestação, seja na estruturação interna dos vocábulos, seja na configuração de esquemas construcionais, estabelecendo fronteiras fluidas e tênues entre uns e outros elementos que lhe pertencem (SOLEDADE; LOPES, 2015, p. 429-430).

Neste trabalho, o conceito tradicional de morfema se mostra problemático por outro aspecto: o estudo em questão se volta para o léxico dos nomes próprios, que possui comportamento diferenciado do léxico comum, principalmente pela característica de significação opaca, posto que os nomes próprios se comportam como elementos designativos, e não significativos. Soledade (2012, p. 326) trata dessa questão quando diz que

Quando se trata da análise dos elementos formativos dos vocábulos, ou seja, dos componentes morfolexicais, esbarra-se sempre na questão da significação, afinal, se tradicionalizou a concepção de morfema como unidade mínima da língua portadora de significado. Considerar o morfema como unidade mínima de significação acarreta problemas de descrição linguística, uma vez que algumas vezes não é possível identificar claramente um significado ou função para uma forma mínima recorrente que não seja um fonema. Tais dificuldades se aprofundam quando se analisam os componentes morfolexicais dos antropônimos, uma vez que os significados

dos nomes personativos ou de seus elementos formativos só podem ser recuperados observando o percurso histórico gerativo desse nome.

Assim, muito embora Soledade (2012) tenha se posicionado a favor do uso do termo “morfema” para designar os elementos passíveis de apreensão em uma análise mórfica de nomes próprios, optamos por adotar uma postura divergente e empregaremos, para os constituintes de constructos antroponímicos, o termo “formativo”, adotado por Gonçalves (2016) para a descrição de elementos de natureza morfológica participantes de processos também não canônicos de formação de palavras, como o cruzamento vocabular (*blend*)¹ e o truncamento (*clipping*)². Essa é uma postura que pretende garantir que não nos comprometamos com a problemática definição de morfema e nem com uma associação prévia a um paradigma teórico defasado.

Além disso, é importante que se diga que a adoção do termo “formativo” também está relacionada à compreensão sobre a estruturação do léxico e da morfologia a partir daquilo que se conhece como Teoria da Entrada Plena (Full Entry Theory), tal qual tem sido defendida por Booij (2010), no âmbito da morfologia construcional. Essa teoria admite que o léxico das línguas possui uma estrutura hierarquicamente organizada, em que palavras complexas armazenadas na memória do falante são fontes/modelos para abstração de esquemas que permitem a construção de novas palavras complexas seguindo o mesmo molde. Assim, esquemas abstratos de formação de palavras são adquiridos a partir do conhecimento e armazenamento mental de um conjunto de palavras complexas que instanciam os padrões de construção que possibilitam a geração de novos itens lexicais. Abordaremos esse aspecto mais detidamente quando tratarmos da neologia enquanto fenômeno que atinge os nomes próprios de pessoa.

¹ Segundo Gonçalves (2016), seria o processo não concatenativo de mistura de fragmentos de palavras existentes, a exemplo de “aborrecente”, “mautorista” etc.

² De acordo com Gonçalves (2016), seria o processo não concatenativo em que uma palavra-matriz é encurtada sem distanciamento de significado, mas com mudança no valor estilístico. Exemplos são as palavras “deprê”, “motô” etc.

3 MAS O QUE É UM NOME PRÓPRIO?

Embora se reconheça, com alguma facilidade, um nome designativo³ em contraposição a um nome apelativo, não tem sido fácil conceituar o nome próprio em termos de sua natureza linguística, ou seja, em termos do conjunto de propriedades que o definem. Assim, acreditamos ser necessário, neste momento, trazer algumas considerações a respeito do que vem a ser nome próprio sob a perspectiva de alguns pesquisadores da área.

Ullmann (1967), no capítulo sobre nomes próprios, em sua obra *Semântica: uma introdução à ciência do significado*, estabelece cinco critérios de diferenciação entre os nomes próprios e os nomes comuns, além da tradicional distinção gráfica feita com o uso das maiúsculas em oposição às minúsculas. O primeiro, o da unicidade, será detalhado um pouco adiante. Os demais são: o da identificação, o da designação contra conotação, o de som distintivo e o de critérios gramaticais. Por identificação, diz-se que “um nome próprio serve apenas para identificar uma pessoa ou objecto, singularizando-o de entre as entidades semelhantes” (ULLMANN, 1967, p. 152). Sobre designação contra conotação, afirma-se que os nomes próprios possuem função designativa, ou seja, são esvaziados de significado e servem apenas para designar os indivíduos, diferentemente do que ocorre com os nomes comuns que, de fato, possuem significação. O quarto critério, som distintivo, traz a proposta de que os sons referentes a nomes próprios possuiriam uma capacidade maior de prender a atenção do indivíduo do que um nome comum, como “mesa” e “cadeira”. Por fim, sobre critérios gramaticais, Ullmann (1967) destaca que são critérios variáveis de um idioma para outro ou, dentro de uma mesma língua, de um período para outro, além de poderem sofrer mudanças naturais com o decorrer do tempo. Além disso, segundo o autor, nomes próprios não costumam ser passíveis de pluralização.

Outro aspecto relativo à caracterização dos antropônimos diz respeito à possibilidade ou impossibilidade de serem antecidos por artigos definidos (a *Maria*, o *João*). Na língua portuguesa, diferentemente de outras línguas românicas, verifica-se essa possibilidade, apesar de não ser um fenômeno que abranja todas as regiões do Brasil, uma vez que sua frequência parece ser maior nas regiões Sul e Sudeste do país (LEITE; CALLOU, 2010).

³ O termo “designativo” é tomado nesse contexto como sinônimo de nome próprio, em oposição ao termo “apelativo”, utilizado para nomes comuns.

Retomando o critério da unicidade, tal como tratado por Ullmann (1967), e anteriormente citado, observa-se que, desde o século II a.C., o gramático Dionísio de Trácia já apresentava inquietações acerca das diferenças entre os nomes próprios e os comuns, apontando o critério da unicidade como uma possível distinção, pois o nome próprio corresponderia a um ser individual, diferenciando-o e singularizando-o dos demais. Porém, é possível observar que esse critério perdeu um pouco da sua validade hodiernamente, uma vez que atingir a tal unicidade, em se tratando de um vastíssimo número populacional, como é o caso do cenário brasileiro, é extremamente difícil, sobretudo em relação aos prenomes, sobre os quais se verifica um grande número de homônimas.

No cenário antroponímico brasileiro, a unicidade muitas vezes é atingida através do emprego inusitado de palavras do léxico comum como designativos de pessoa, como é o caso de *Restos Mortais de Catarina*, *Simplício Simplório da Simplicidade Simples* e dos irmãos *Prólogo*, *Capítulo*, *Errata* e *Epílogo de Campos*. Para casos como esses é que a legislação admite a mudança de nome, apesar da disposição do princípio da imutabilidade consagrado por lei com o Decreto nº 18.542, de 24 de dezembro de 1928. Assim, uma vez confirmado que o nome ofereça algum tipo de constrangimento ao seu portador ou até mesmo em casos de registros que apresentem erros gráficos, desde que essa alteração não traga prejuízos à sociedade, será permitido que o indivíduo imprima modificações em sua denominação.

Para além dos casos esdrúxulos, a antroponímia brasileira referente aos prenomes é grandemente afeita à neologia antroponímica e, ao que tudo indica, a inovação em nomes próprios parece ser motivada pela busca da unicidade, ainda que, uma vez criados nomes como *Raquelly* ou *Ronicleisson*, haja grandes chances de que eles venham a se repetir, desfazendo-se assim o princípio da unicidade, pelo menos do ponto de vista da comunidade linguística.

Por fim, acerca da classificação dos nomes próprios, destaca-se, mais recentemente, as considerações de Amaral (2011, p. 63), para quem “os nomes próprios conformam uma classe bastante heterogênea de itens nominais e, por esse motivo, existem várias tentativas de classificá-los”. A título de exórdio, ressaltamos que não só os nomes de batismo se constituem como alvo da investigação em onomástica, mas também os ditos alônimos – ou seja, todos os antropônimos que não correspondem aos nomes oficiais assegurados por lei –, como os heterônimos, apelidos, pseudônimos, hipocorísticos, nome de guerra, nome social etc., mas aqui só os prenomes serão investigados.

4 COMO UTILIZAMOS OS NOMES PRÓPRIOS

Segundo o Código Civil de 2002, capítulo II (dos direitos da personalidade), artigo 16, “Toda pessoa tem direito ao nome, nele compreendidos o prenome e o sobrenome”. Isso referenda o quão importante é o nome, sendo especialmente protegido por lei. Atualmente, a classificação dos nomes próprios constitui-se de prenome (primeiro nome), que pode possuir um, dois ou até três elementos – sendo mais frequentes as formas únicas ou duplas –, e sobrenome (que sucede o prenome). A questão do sobrenome é polêmica devido a uma divergência existente na terminologia empregada por Brasil e Portugal (“sobrenome” aqui, “apelido” lá). Neste trabalho, será utilizada a definição adotada por Amaral (2011, p. 70, grifo do autor) de que “por sobrenome identificamos o(s) antropônimo(s) que sucede(m) o prenome (seja este simples ou composto). Também é denominado *nome de família*”, ou seja, seria o elemento que, normalmente, é passado dos pais para os filhos⁴. No Brasil, a norma é que o(s) sobrenome(s) materno(s) segue(m) o prenome enquanto o(s) sobrenome(s) paterno(s) vem ao final. Entretanto, este trabalho não se deterá profundamente nessa questão, uma vez que se dedica ao estudo dos prenomes.

O prenome e o sobrenome, juntos, formam o ortônimo (nome civil completo), do qual dispõe o artigo 16, mencionado no início desta seção. Além disso, no âmbito jurídico, o nome envolve os direitos de personalidade, aqueles que capacitam e protegem a *persona* e que impedem a renúncia ou transferência do mesmo. Portanto, o nome é o sinal que caracteriza o indivíduo na família e na sociedade e o diferencia, ao lado de outros elementos particulares, dos demais membros do grupo.

Alguns estudiosos têm observado que nomes tradicionais ainda são amplamente empregados no território brasileiro, apesar da crescente tendência à elaboração de nomes neológicos. Ivo Castro (2004), por exemplo, discorre sobre isso quando fala da recorrência dos nomes *Maria, José, António/Antônio, Manuel, João, Carlos*, tanto no Brasil quanto em Portugal, principalmente quando ligados a sobrenomes também considerados tradicionais como *Silva, Sousa, Santos, Oliveira* etc. Castro, porém, ressalta uma “espantosa liberdade” da

⁴Também pode ser adicionado ao nome de recém-casados, embora hoje se permita que homens adotem sobrenomes de suas esposas, verifica-se que ainda é muito mais comum que a mulher adote o sobrenome do marido, uma vez que antes só havia permissão para esse tipo de troca onomástica, refletindo aspectos de uma cultura machista, o que reforça novamente o fato de a onomástica estar intrinsecamente ligada a elementos culturais de dada região e, por isso mesmo, ser da maior importância o seu estudo.

antroponímia brasileira em oposição à portuguesa, inclusive ao dizer que os próprios portugueses, intuitivamente, conseguem classificar alguns nomes como brasileiros, a exemplo de *Neuza* e *Edson*. Essa peculiaridade se deve ao fato de a neologia assumir, no Brasil, um papel relevante na nomeação dos indivíduos, o que não ocorre em Portugal⁵ devido à sua maior normatividade no ato do registro personativo. Lá existem listas de nomes específicos que podem ser utilizados para nomear os indivíduos e de nomes proibidos. Alguns dos motivos apresentados para a existência dessas listas são:

- a) A preservação da língua portuguesa no país, de modo a evitar influências outras, como as do inglês, francês etc. (inclusive adaptando os antropônimos fonética e ortograficamente);
- b) Restrições quanto ao uso, por exemplo, de substantivos ou adjetivos que passem a ser utilizados como nomes de pessoas; e
- c) Preocupação de que o nome não provoque no indivíduo que é nomeado nenhum tipo de constrangimento e que também seja possível depreender se ele pertence ao sexo feminino ou masculino.

Dado que as línguas possuem um caráter dinâmico, essa lista está em constante atualização e é alvo de inúmeros debates.

Ainda que em Portugal haja uma relativa atualização dos nomes permitidos para registro de seus cidadãos, esse quadro se distingue, e muito, da realidade brasileira, em que a criatividade incide sobre o sistema antroponímico de forma ampla, atingindo todo o território nacional e, contundentemente, resultando na existência de um grande número de registros de nomes não dicionarizados⁶. Assim, o estudo de nomes neológicos no Brasil vem a contribuir para compreender melhor esse cenário.

A par disso, existem ainda poucos estudos acerca dos processos morfológicos de formação desses nomes que, embora desprovidos/esvaziados de significado lexical, possuem claramente estruturas mórficas recorrentes, em posições previsíveis, assumindo a função de formar nomes próprios no português do Brasil. Soledade (2012) afirmou, em trabalho ainda inédito, que ao que parece os processos de formação de antropônimos neológicos no Brasil

⁵ Para maiores informações, conferir: <<http://rederecord.r7.com/video/lista-com-cinco-mil-nomes-proibidos-vira-lei-em-portugal-4d59337a9dfc1bf61d9a1f4b/>>.

⁶ Em que pese o fato de que os dicionários de natureza onomástica são bastante restritos e desatualizados.

têm se pautado sobre o modelo linguístico de formação de antropônimos germânicos que herdamos da tradição lusitana no que se refere ao ato de nomear, aqui implantada via colonização portuguesa.

5 JUSTIFICATIVA

Com o intuito de oferecer algumas contribuições no que tange à ciência onomástica, de modo geral, e à constituição do léxico antroponímico brasileiro, mais especificamente, é que esta investigação está focada nos nomes neológicos, e não nos nomes ditos tradicionais, que já se encontram registrados em dicionários onomásticos. Acredita-se que, a fim de obter a tão desejada singularidade, muitas famílias optam pela construção de um neologismo ao nomear seus filhos, aumentando as chances de criar um nome único, ou quase único. Assim, desde o século XX⁷, os neologismos figuram no cenário da antroponímia brasileira como um recurso decisivo em busca da unicidade na nomeação dos indivíduos.

Outrossim, é necessário pontuar a escassez de estudos sistemáticos no campo da onomástica brasileira. Apesar de um interesse crescente dos pesquisadores por essa área, com a publicação de trabalhos relevantes como os de Boullón Agrelo, na Galícia, Ivo Castro, em Portugal, Jean Hébrard, na França, Dick e Carvalhinhos, no Brasil, muito ainda precisa ser feito no que tange às pesquisas em onomástica. Um passeio acurado em uma biblioteca mais especializada, por exemplo, demonstra uma infinidade de livros sobre as principais teorias linguísticas, gramáticas normativas e sobre a diversidade linguística no território brasileiro, entretanto, pouco ainda se observa no que tange à onomástica em si. Os próprios dicionários antroponímicos mais utilizados, e que são poucos – *Dicionário etimológico da língua portuguesa - Tomo II*, de Antenor Nascentes, e *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, de José Pedro Machado – datam, respectivamente, de 1952 e 2003 (a obra de Machado com sua primeira edição em 1984), deixando de retratar muitos nomes neológicos que já vem se tradicionalizando na língua. Além disso, investigar a influência germânica também se faz relevante no momento em que pode revelar muitos comportamentos atuais refletidos em modalidades do passado, como a utilização da formação bitemática em construções neológicas antroponímicas.

⁷ Ao que tudo indica, o neologismo na formação de prenomes no Brasil é um fenômeno que se inicia na segunda metade do século XX. Contudo, ainda são necessários estudos mais aprofundados e comprovados com dados empiricamente coletados.

Este estudo se baseia na hipótese de que o sistema antroponímico germânico, que possuía um caráter particular e regular de formação de nomes próprios, acabou por legar fortes influências para a antroponímia do português brasileiro, uma vez que a frequente utilização, em terras brasileiras, de nomes tradicionais que remontam à influência germânica (como *Adalberto, Alberto, Roberto, Aginaldo, Arnaldo, Geraldo, Edgar, Edmar, Edmundo*), teriam sido modelos para a construção dos nomes próprios neológicos utilizando esses mesmos formativos (como *Rosiberto, Rosualdo, Edrose*⁸).

Assim, é objetivo deste trabalho refletir acerca dos processos morfológicos que os formativos de origem germânica encerram na antroponímia brasileira, nesse caso, investigando particularmente a antroponímia baiana. Para tanto, será necessário observar as posições que ocupam, para estabelecer se são predefinidas de acordo com as formações originais. Ainda cumpre ressaltar que apresentamos uma hipótese inovadora que relaciona a estrutura dos nomes neológicos no Brasil aos modelos herdados de nomes tradicionais que remontam a uma origem germânica. Destaque-se que uma grande parte do quadro lexical onomástico pessoal da tradição portuguesa está relacionada à influência germânica, fruto do contato dessa língua com o latim (e, posteriormente, com os romances peninsulares e, portanto, com a língua portuguesa em formação) na Península Ibérica.

Nesse ponto, esclarecemos que, em nenhum momento, consideramos a influência germânica como fruto de um contato sincrônico/contemporâneo, ao contrário, estamos falando sobre o contato linguístico que se deu na Península Ibérica durante a invasão bárbara (século V d.C.) e que perdura até os séculos da invasão moura (VIII d.C. – XV d.C.), quando, em função desta, os antropônimos germânicos terão maior prestígio entre a população hispano-goda. Para tanto, é necessário entender um pouco mais a respeito desses contatos que deixaram suas marcas até os dias de hoje no sistema antroponímico da língua portuguesa.

⁸ Exemplos coletados na rede social Facebook.

6 A INVASÃO BÁRBARA E A INFLUÊNCIA GERMÂNICA NO LÉXICO DO PORTUGUÊS

Sobre a influência germânica na antroponímia do português, partimos da ideia de que as línguas não são conjuntos estáticos e que estão sempre em contato umas com as outras, resultando em uma troca de influências que acarreta em renovações lexicais contínuas. Não é de se admirar que a língua e a cultura portuguesa possuam reflexos de povos diversos que habitaram/invadiram a Península Ibérica. Pela antiguidade dessa influência linguística, é interessante observar que muitos nomes de origem germânica como *Fernando*, *Elvira*, *Eduardo*, *Arlete*, *Rodrigo*, *Henrique* e *Ricardo* já estão tão enraizados no cotidiano dos brasileiros que parecem ter nascido aqui.

No Brasil, país colonizado por Portugal, catequizado pelos jesuítas ligados à Igreja Católica e com uma triste história de opressão de sua população indígena e de negros africanos trazidos para as terras brasileiras, os quais passaram por processos de aculturação, não é difícil perceber a forte influência europeia na antroponímia, em contraposição à minoração da influência indígena e quase absoluto apagamento da influência africana no léxico designativo.

Portanto, para entender o processo de formação do léxico antroponímico em território brasileiro, é importante recuperarmos um pouco da constituição histórica da língua portuguesa em território ibérico, uma vez que a herança lusitana terá forte impacto sobre o nosso sistema de nomeação de indivíduos e porque a língua e a cultura portuguesa possuem influências de povos diversos que habitaram/invadiram a Península Ibérica ao longo de vários séculos, desde os pré-romanos, passando pelo importante legado latino deixado pelos romanos, chegando aos germânicos e árabes, cada um com sua importância na constituição do que hoje se entende por português. Carvalhinhos (2007, p. 7) acredita que

Basicamente o nome próprio pode originar-se de fontes históricas, bíblicas ou modernas. Nos nomes de língua portuguesa, a origem liga-se à própria história da língua. Os nomes medievais (período das Navegações) provêm, naturalmente, dos nomes adotados pelos povos que habitavam a Península, lusitanos e hispanos, dominados e influenciados pelos fenícios, gregos e em seguida pelos romanos, que, por sua vez, cederam o território aos povos germânicos (já latinizados) e posteriormente aos árabes.

Porém, apesar da consideração dessa parcela constituinte do caldeirão cultural no qual se transformou a Península Ibérica, pouca importância é atribuída aos povos germânicos quando se trata da formação da língua portuguesa. Assim, breve preâmbulo será aqui traçado

a respeito da história dos povos germânicos que habitaram a Península Ibérica a fim de esclarecer toda a importância já mencionada neste trabalho.

O século V da nossa era trouxe a queda do Império Romano, fato que se desencadeou devido a uma forte crise econômica relacionada a problemas de ordem variada, como a dificuldade de manutenção do domínio de um vasto território – que compreendia o Império Romano do Ocidente –, a crise no sistema escravagista e o alto custo dos armamentos bélicos. Ao mesmo tempo, os povos germânicos – também denominados pejorativamente de bárbaros – pressionados pela ameaça dos hunos e atraídos pela fragilidade do Império Romano, começam a invadir paulatinamente a Península Ibérica (doravante PI). Alguns desses povos entram na PI inicialmente com a condição de federados concedida para que colaborassem com o exército romano, integrando-o, com a finalidade de proteger o território de rebeliões etentativas de independência, porém, com a unidade do Império prestes a ruir, alguns grupos veem a oportunidade de criação de um reino próprio⁹.

Fato é que vários povos germânicos passaram pela Península Ibérica, entre eles alanos e vândalos, que acabaram por se estabelecer no norte da África. Permaneceram, contudo, os suevos, que dominaram o noroeste, e os visigodos, que eram numericamente superiores e considerados como mais civilizados. Talvez por isso, acabaram por conquistar toda a Península, inclusive, posteriormente, dominando os suevos. Teyssier (1998, p. 5) explica um pouco melhor esse momento:

Os Alanos foram rapidamente aniquilados. Os Vândalos passaram para a África do Norte. Os Suevos, em compensação, conseguiram implantar-se e, por muito tempo, resistiram aos Visigodos, que tentavam reunificar a Península a seu favor. No século V o reino suevo era muito extenso, mas por volta de 570 reduziu-se à Gallaecia e aos dois bispados lusitanos de Viseu e Conímbruga. Em 585, esse território foi conquistado pelos Visigodos e incorporado ao seu Estado.

No noroeste da Península Ibérica, a presença germânica, especificamente com os suevos, foi fator determinante para o isolamento do local, acarretando em uma maior influência dos substratos que puderam se manter por mais tempo em contato com o latim ali recentemente difundido e instalado, uma vez que a região foi uma das últimas a ser romanizada na antiga Hispânia (CASTRO, 1991).

⁹ Como fez Alarico, conhecido como um rei visigodo e o primeiro líder germânico a tomar a cidade de Roma, em 410. d.C

É com o domínio germânico que a Península Ibérica conhecerá a Idade Média. Nesse período, os diferentes costumes godos e romanos acabaram por se misturar dando origem a uma sociedade feudal. Contudo, a aceitação dos germânicos por parte da população hispânica só pode se dar de forma completa quando o rei visigodo Ricaredo se converteu ao cristianismo – ressalte-se que os visigodos seguiam, em sua maioria, uma doutrina cristã ariana. O grande embate estava relacionado aos diferentes credos: enquanto os hispanos acreditavam no catolicismo que dizia que Jesus era o próprio Deus reencarnado na terra, o arianismo negava a unificação entre Jesus e Deus, admitindo Jesus como seu filho, mas não o próprio Deus encarnado. A situação mudou, porém, após a conversão, quando o catolicismo passa a ser religião oficial da Hispânia visigótica, fato tido como uma espécie de “autorização formal” para a fusão entre os dois povos, pois na prática, os casamentos mistos já eram frequentes. Assim, surge a população hispano-goda, que refletia a integração entre os povos e, consequentemente, a integração sociocultural.

Outro fator determinante na perpetuação da cultura germânica na Península Ibérica é a chegada dos árabes em 711 d.C. Devido à crise no Império Visigótico, berberes e depois mouros acabam por invadir a PI e, em menos de cinco anos, a conquistam quase completamente. No extremo norte da Península Ibérica, a população hispano-goda refugiou-se sob a proteção da nobreza cristã. O forte poder da Igreja Católica na Idade Média possibilitou a resistência da população do norte que veio a organizar-se, promovendo a Reconquista, que durou cerca de 700 anos, até a expulsão completa dos árabes em 1492, pelos reis castelhanos católicos Fernando e Isabel.

A invasão árabe consolidou a solidariedade hispano-goda, sob o pano de fundo religioso. A oposição cristãos *versus* islâmicos fez com que a população da Península Ibérica começasse, a partir do século IX, a atribuir, com mais frequência, nomes da tradição germânica a seus descendentes, uma forma de legitimar o poder de resistência aos mouros, que ainda dependia da nobreza goda. Assim, a antropônimo germânica passa a ter o papel de representar a unificação dessa sociedade em torno do cristianismo, em oposição ao islamismo trazido pelos mouros. Daí o fato dos germanismos se verificarem muito mais na antropônimo e na toponímia, enquanto os arabismos – importante influência na língua portuguesa – são mais frequentes no léxico dos nomes comuns, devido ao longo tempo de convivência, como dissemos, mais de 700 anos. Ivo Castro (1991, p. 145), em sua obra *Curso de história da língua portuguesa*, afirma que

O superstrato da România ocidental foi o germânico. As línguas dos francos, dos burgundos, dos longobardos comunicaram ao latim vocábulos (sobretudo nomes próprios) e influenciaram a fonética e a gramática latinas. Na Península Ibérica, os godos e os suevos apenas influenciaram o onomástico.

Mais tarde, Teyssier (1998, p. 17) também se pronuncia a respeito e confirma esse fato quando menciona que “[...] grande número de nomes de pessoas (Fernando, Rodrigo, Álvaro, Gonçalo, Afonso, etc.), assim como de topônimos (Guitiriz, Gomesende, Gondomar, Sendim, Guimarães, etc.) remontam aos Suevos e aos Visigodos”.

7 COMO SE FORMAVAM OS ANTROPÔNIMOS GERMÂNICOS?

Segundo Carvalhinhos (2007, p. 2), “em tempos remotos, o nome próprio cumpria a função significativa, isto é, sua função semântica estava assegurada: o indivíduo não era apenas designado por seu nome, como recebia toda sua carga conotativa”. Assim, o ato de nomear, para os povos germânicos, também não era feito de maneira aleatória. A construção dos antropônimos era dotada de um significado presente em cada palavra escolhida.

Piel (1960), citado por Mattos e Silva (2003), explica que o sistema de nomeação germânico normalmente utilizava uma formação bitemática¹⁰, em que dois elementos do léxico comum são unidos para formar um composto personativo, por exemplo, no caso de *Teodorico* (*Teodo* “povo” + *rikus* “rico, poderoso”). Havia também a formação monotemática, que eliminava o segundo componente e adicionava um formativo final como em *Teoda* (*Teodo* + *ila* <diminutivo>); ou que poderia resultar da redução de um nome bitemático como *Menendo*, que é uma palavra reduzida de *Menendez*. O autor também classifica a onomástica germânica através de “campos conceituais” que perpassavam por mitos e cultos antigos, povos e tribos, animais, elementos bélicos e sentimentos de conquista como a coragem, a fama e a vitória. Ele fala ainda do uso de adjetivos que denotavam qualidades físicas e morais (PIEL 1960 apud MATTOS E SILVA, 2003).

Apesar dessa organização da antroponímia germânica em termos semânticos, admite-se que os nomes germânicos, ao entrarem no sistema linguístico da Península Ibérica, vão

¹⁰ Quanto à forma lexical dos antropônimos, Mattos e Silva (2003, p. 4) ainda afirma que a formação bitemática também é uma característica dos gregos e das línguas indo-europeias. Contudo, através da análise dos dados investigados nesta pesquisa, e que serão demonstrados mais adiante, validaremos a hipótese de que o modelo germânico espelha a construção de antropônimos neológicos brasileiros hodiernamente, inclusive pela lauta quantidade de formativos encontrados no *corpus* analisado.

percorrer o caminho em direção à opacidade semântica, uma vez que as línguas germânicas não se introduziram no território hispânico, seria difícil admitir que os nomes dos indivíduos mantivessem a sua motivação conceitual.

Retomando o aspecto formal, ressaltamos que, no Brasil, o grande número de antropônimos herdados da tradição germânica via herança lusitana apresenta, em sua maioria, a estrutura morfológica bitemática, como se pode observar nos exemplos abaixo:

Quadro 1 – Antropônimos a partir da recuperação etimológica dos formativos germânicos

ADALFREDO: <i>athal</i> , al. mod. <i>edel</i> , <nobre> e <i>frid</i> , al. mod. <i>Friede</i> , <paz>, <pacificador nobre>
ADALBERTO: <i>athal</i> , al. mod. <i>edel</i> , <nobre> e <i>bertho</i> , <brilhante>, <guerreiro brilhante>
ARNALDO: <i>Aar</i> , <águia> e <i>wald</i> , <forte, potente> <águia poderosa, forte>

Fonte: Elaborado pela autora.

Salientamos a necessidade de observação de que, nesses exemplos, há formativos recorrentes. Adal-, que significa “nobre”, repete-se em posição inicial nos dois primeiros nomes, e -naldo, que significa “forte, potente”, aparece em posição final no último nome. O sistema antroponímico germânico se organizou de forma que, com muita frequência, os elementos formativos ocupassem a mesma posição, ou seja, um formativo como Adal- (que apresenta variantes como Ad-, Adel-, Edel- e Ed-) categoricamente passou a ocupar apenas a posição inicial na constituição de um antropônimo, bem como, formativos como -berto e -naldo passaram a constituir nomes ocupando, preferencialmente, a posição final. Em todos os casos, esses formativos aparecem em mais de um nome herdado pelo sistema onomástico do português brasileiro.

A estrutura bitemática também é um ponto importante a ser analisado no *corpus*, reforçando a hipótese de que há na constituição morfológica da antroponímia neológica brasileira uma forte influência do modelo antroponímico germânico.

8 NEOLOGISMOS: O QUE SÃO E COMO SE FORMAM?

Posto que toda língua é heterogênea e está sempre em constante transformação, seu léxico – entendido, *grosso modo*, como o conjunto de palavras que a constitui – possui um caráter dinâmico e está sempre em constante incorporação de novos vocábulos devido ao

constante reconhecimento de novos seres, objetos e relações (BASÍLIO, 2004). Para tanto, existem alguns mecanismos acionados, como os de construção de novas palavras (a partir de mecanismos internos próprios de cada língua), atribuição de significados novos a palavras que já existem (como ocorreu com o termo “camisinha”, que além de representar uma camisa pequena também pode indicar o preservativo masculino, processo linguístico resultante de uma atribuição metafórica de sentido) e a importação de palavras de outras línguas (muitas vezes tão presentes no cotidiano de uma dada língua a ponto de não ser sentida como uma importação, até pelas adequações fonéticas e ortográficas, que são os casos de “chapéu” e “viagem”, originalmente do francês) (CORREIA, 2012).

Neologia, então, e como a própria etimologia grega sugere (*neo* “novo” + *logo* “palavra, conceito”), é um fenômeno linguístico que consiste no ato de criar novas palavras ou expressões, ou atribuir outro significado a uma já existente. Assim, neologismo, segundo Correia (2012, p. 23), seria “[...] uma unidade lexical cuja forma significante ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua”. No léxico brasileiro, um exemplo de neologismo recente se tornou bastante famoso: é o termo “mensalão”, derivado da palavra “mensal” e utilizado para definir, em um dado momento da história da política brasileira, um episódio de corrupção em que os deputados recebiam um pagamento extra e ilícito para votar pautas a favor do governo.

Referindo-nos aos processos de construção de novas palavras, portanto, de neologismos, citamos os composicionais (aglutinação e justaposição), os derivacionais (prefixais, sufixais e parassintéticos), além da abreviação e da importação de vocábulos de outra língua, os chamados estrangeirismos. Com o tempo, os neologismos, se adotados por uma grande comunidade linguística, ganhando relativa estabilidade de uso, são tradicionalizados e passam a integrar o léxico comum, pois como menciona Alves (1990, p. 84),

Não basta a criação do neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É, na verdade, a comunidade lingüística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não-difusão, que decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma. [...] Se bastante freqüente, o neologismo é inserido em obras lexicográficas e considerado parte integrante do sistema lingüístico. Sabemos, entretanto, que os lexicógrafos agem muitas vezes arbitrariamente, ou seja, unidades léxicas muito usadas são esquecidas e outras, pouco difundidas, chegam a fazer parte dos dicionários.

Dessa maneira, assim como no léxico comum, os antropônimos neológicos também podem se tradicionalizar na língua e virem a ser encontrados em dicionários onomásticos. O

problema, nesse caso, talvez esteja relacionado aos poucos pesquisadores que se dedicam ao estudo e à atualização dessas obras, além do tempo que levam para serem criadas ou reeditadas. Como dito no nosso prelúdio, a função do recurso neológico na antroponímia é atribuir mais unicidade ao indivíduo objeto do ato de nomear.

Como defendemos neste trabalho, criar novos vocábulos na língua implica, necessariamente, na utilização de mecanismos cognitivos, principalmente na associação por analogia, que é um processo fundamental, pois envolve novas formações que remontam a elementos já existentes no léxico, através de processos cognitivos. Na perspectiva da morfologia construcional, com Booij (2005), Booij (2010), Gonçalves & Almeida (2014) e Gonçalves (2016), podemos entender que novas criações lexicais partem de esquemas construcionais, o que depende do conhecimento e armazenamento mental de um conjunto de palavras complexas que instanciam esses padrões. Esses esquemas representam generalizações sobre conjuntos de palavras existentes, permitindo, por analogia, a criação e a recepção de novos itens lexicais. Assim, antropônimos de origem germânica, ao que tudo indica, têm servido de modelo para abstração de esquemas construcionais de nomes próprios.

Tal hipótese tem como esteio teórico a chamada Teoria da Entrada Plena (JACKENDOFF, 1997), adotada por Booij (2010), como referenciado neste estudo, que leva em consideração o fato de que o conhecimento de esquemas morfológicos abstratos depende do conhecimento e armazenamento mental de um conjunto de palavras complexas que instanciam esses padrões. Podemos inferir, assim, que o falante do português adquire primeiro nomes individuais com o formativo Ed-, como nos antropônimos *Edelberto*, *Edgar*, *Edmar* e *Edmundo* (nomes tradicionais da antroponímia portuguesa de étimo germânico) e que, após exposição suficiente a um conjunto de palavras com semelhante formação, o falante pode depreender o esquema de nomes próprios com o formativo Ed- em posição inicial recorrente, assim, formar novos nomes como *Edmilson*, *Edcleisson*, *Edcarlos*, *Ednaldo* etc. Sob essa perspectiva, o léxico antroponímico de uma língua deve ser entendido não apenas como uma lista de palavras convencionalizadas, fixas e armazenadas na memória do indivíduo, mas como um componente importante e fundamental da gramática da língua, possibilitando, além da inovação criativa, uma organização e uma estrutura hierarquizada.

A título de exemplificação, acreditamos ser importante mencionar como a questão dos (talvez) prenomes oriundos de construção neológica vem sendo tratada em um dos dicionários que alicerçam nossa metodologia, que será mais bem delineada a seguir. Em Machado (2003), no caso do nome *Arilda*, se lê “ouvido no Brasil. Formado arbitrariamente? De *Artur* e *Ilda*?” (MACHADO, 2003, p. 162) e no caso de *Arnilda*, consta “ouvido no Brasil. Parece nome de

formação arbitrária” (MACHADO, 2003, p. 167). Por meio dessas definições, é difícil estabelecer no que se baseou o autor para tais conclusões, apenas que se trata do Brasil, não de Portugal. Em outro caso, Machado parece tratar de uma ocorrência de neologismo oriundo da literatura, quando diz que *Lindóia* é “usado sobretudo no Brasil. Foi criado por José Basílio da Gama (1740-1795) para denominar a heroína do seu poema *O Uruguai* (1769); deve tratar-se de der. arbitrária do adj. *linda*” (MACHADO, 2003, p. 883). Assim, vemos que o autor já demonstra na sua obra uma preocupação a respeito das formações neológicas, apesar de não se deter mais profundamente no assunto.

8.1 PRINCIPAIS MECANISMOS DE FORMAÇÃO DE NEOLOGISMOS

Os processos de formação de nomes próprios neológicos podem ser vários e motivados por diversas situações e necessidades expressivas do indivíduo. Monteiro (2002) tratou dos processos mais utilizados em sua obra *Morfologia portuguesa*, que são, a saber:

8.1.1 Derivação imprópria¹¹

Ocorre quando palavras originariamente conhecidas como substantivos comuns passam a ser utilizadas como nomes próprios, sendo eles prenomes ou sobrenomes. Alguns antropônimos que vem se tornando cada vez mais frequentes no Brasil são *Brisa*¹², *Morena*, *Sol*, *Lua*, além dos já tradicionais (e dicionarizados) *Aparecida*, *Rosa*, *Branca*, *Margarida* etc. Também existem inúmeros sobrenomes como os casos de *Coelho*, *Lobo*, *Leão*, *Cordeiro* etc.

8.1.2 Sufixação

Diferentemente do que ocorre com o léxico comum, para os nomes próprios não se emprega o uso de prefixos. Ainda assim, e isso será ressaltado na próxima seção, até a própria denominação de “sufixo” deve ser utilizada com cuidado, pois os sufixos antroponímicos

¹¹ O termo “derivação imprópria” é criticado por alguns autores, mas está aqui por se referir exatamente ao modo como aparece na obra de Monteiro (2002).

¹² Inclusive encontrado no nosso *corpus*.

possuem alguns comportamentos particulares do que se verifica no léxico dos nomes comuns. Neste processo, na maioria dos casos em que ocorre a sufixação, trata-se de nomes designativos que são ligados a diminutivos, resultando nomes como em *Marieta* e *Teresinha*. Monteiro (2002) também ressalta a possibilidade de existirem outras possibilidades, como nos prenomes *Horizontalina*, *Setembrino* e *Cazildete*¹³, em que há união de bases nominais a elementos como o -ina, o -ino e o -ete.

8.1.3 Composição

A composição poderá ocorrer com a marcação gráfica dos elementos separados (por exemplo, *José André*, formando um prenome duplo¹⁴), com justapostos ligados, ou seja, em que não há perda de segmento fônico (por exemplo, *Analucia*), ou com aglutinados, em que há crase ou elisão e, conseqüentemente, perda de segmento fônico (por exemplo, *Rosalva*). Neste trabalho, o processo de formação de neológicos através da composição se mostrou um dos mais relevantes.

8.1.4 Braquissesmia¹⁵

A braquissesmia ocorre quando um hipocorístico – que corresponde a uma derivação do nome próprio a fim de diferenciá-lo, geralmente utilizado em âmbitos familiares para expressar afetividade – se transforma em prenome, ou seja, registrado em cartório. Este fenômeno pode ocorrer pela queda de segmentos fônicos, pelo uso do aumentativo e do diminutivo e também pela reduplicação de sílabas. Exemplos de braquissesmia são os prenomes *Alex*, que é hipocorístico de *Alexandre*, e o prenome *Zeca*, hipocorístico de *José*.

¹³ Também exemplo do *corpus*.

¹⁴ O termo “prenome duplo”, neste trabalho, foi adotado como a terminologia mais coerente para descrever esse tipo de composto onomástico, apesar da referência de “nome duplo”, segundo o projeto “Todos os nomes”.

¹⁵ Fenômeno semelhante é o da hipocorização, observado em Monteiro (2002), Silva e Gonçalves (2004) e Gonçalves (2016).

8.1.5 Acrossemia

No léxico antroponímico, a acrossemia ocorre quando há mistura de sílabas ou fonemas de nomes próprios, o que a diferencia do processo de composição puro e simplesmente. É um processo muito utilizado para combinar prenomes diferentes, muitas vezes com a intenção de homenagear os familiares ou mesclar o nome dos pais, resultando em um antropônimo neológico. Exemplos de acrossemia se verificam no prenome *Adilan*, que resulta do prenome *Adilson* combinado ao prenome *Ana*; ou no prenome *Erlene*, que resulta do prenome *Erildo* combinado ao prenome *Marlene*.

8.1.6 Anagrama

Os anagramas ocorrem quando há inversão total ou troca de sílabas dos nomes de pessoas. Assim como a acrossemia, também podem ser formados como meio de homenagear algum ente querido. Um exemplo literário muito famoso é o de *Iracema* – com livro homônimo escrito em 1865 por José de Alencar –, anagrama de *América*, mas também existem outros como *Sued*¹⁶, anagrama de *Deus*.

8.1.7 Empréstimos

Quando uma pessoa de outra nacionalidade torna-se muito conhecida, é possível que seu nome seja “importado” para outras línguas, como os casos de *Kennedy*, *Elvis* e *Robin*. Monteiro (2002) comenta que o ideal seria que esses nomes fossem adequados à maneira da pronúncia e ortografia portuguesa (como ocorrem, muitas vezes, com os empréstimos do léxico comum), porém, em muitos casos são acrescidos de “n”, “y”, “k”, “l”, “y”¹⁷ etc. Há ainda os casos em que se intenta balancear elementos de origens diversas, como no composto *João Lenon*.

¹⁶ Prenome encontrado no *corpus*.

¹⁷ O Novo Acordo Ortográfico – tratado assinado com o objetivo de unificar a ortografia entre todos os países de língua oficial portuguesa – passa a ser obrigatório a partir de 2016. Um das modificações é a inclusão das letras “k”, “w” e “y” no alfabeto brasileiro, passando de 23 para 26 letras no total.

9 METODOLOGIA

O *corpus* aqui utilizado é o mesmo do projeto “Todos os nomes: análise sócio-histórica, etimológica e mórfica da antroponímia baiana”¹⁸, coordenado pelas professoras doutoras Ariadne Almeida, Juliana Soledade e Tânia Lobo e desenvolvido entre os anos de 2007 e 2009, no âmbito do Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR). O *corpus* é constituído por 3.986 prenomes, correspondentes ao total de candidatos aprovados no processo seletivo para ingresso na Universidade Federal da Bahia (UFBA) no ano de 2005. Neste trabalho, foram analisadas todas as letras do alfabeto, com exceção da letra A que já fora estudada por Priscila Possidônio em seu trabalho “A criação de nomes próprios no português brasileiro: aspectos mórficos da neologia antroponímica” (2007), também no âmbito do projeto “Todos os nomes”. Ressaltamos que não houve contato com os portadores dos prenomes analisados no *corpus* deste trabalho, de forma que não podemos afirmar o motivo da criação de tais antropônimos neológicos.

Definir se um nome comum é neológico ou não ainda é uma tarefa árdua para lexicólogos e lexicógrafos. No âmbito da antroponímia não poderia ser diferente. É necessário, portanto, destacar que para efeitos desta pesquisa, o critério adotado para confirmar a condição neológica de um antropônimo é a ausência de registro no *Dicionário etimológico da língua portuguesa - Tomo II*, de Antenor Nascentes (1952), e no *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, de José Pedro Machado (2003), e não estarem presentes na Bíblia (pois consideramos que, dentro da tradição judaico-cristã na qual se insere a cultura brasileira, os nomes bíblicos possuem um caráter tradicional). Assim, não estando os prenomes registrados em nenhuma das referidas obras, coloca-se o termo sob suspeição de ser neológico – isso se deve ao fato de existirem nomes estrangeiros que também podem não estar dicionarizados, mas que não se enquadram no rol de neologismos vernáculos, ou seja, nomes formados segundo a criatividade de indivíduos brasileiros ou residentes no Brasil. Em alguns casos, apresentaremos informações sobre prenomes dicionarizados similares aos

¹⁸ Ainda que nosso recorte metodológico implique em uma análise de dados localizados na Bahia, podemos nos referir à neologia antroponímica como um fenômeno nacional, haja vista que em qualquer observação menos científica conseguimos localizar, em todos os cantos do país, pessoas portadoras de nomes inventados, isto é, não tradicionalizados.

neológicos que encontramos, além de resultados encontrados através de coletas no Facebook¹⁹, via busca de nomes com os formativos oferecidos pelos dados.

Ressaltamos, no entanto, e como menciona Viaro (2011, p. 102), que “[...] não basta abrir um dicionário etimológico e ler as propostas oferecidas pelos autores como ‘verdade acabada’. As respostas não estão prontas: os autores discordam entre si, propõem várias soluções, elegem esta ou aquela solução e, não raro, erram”.

Há ainda casos de antropônimos que já não possuem uma feição de neológico devido ao seu uso excessivo, mas que responderiam aos critérios acima estabelecidos, como é o caso do nome *Luana*²⁰. Casos como o citado ocorrem principalmente pelo que Almeida (2012, p. 474) afirma: “De fato, o conhecimento linguístico relativo à onomástica da língua portuguesa é parco, logo os dicionários de nomes próprios, também, não oferecem notícias consistentes relativas às questões linguísticas dessa parte do léxico do português”.

É preciso ressaltar um aspecto ligado à nomenclatura adotada na análise, uma vez que o uso dos termos “base” e “sufixo” devem ser feitos de maneira cuidadosa, já que não se trata de uma típica base ou processo de sufixação do léxico comum. Para tanto, utilizamos nomenclaturas outras como elemento de primeira posição (localizado mais à esquerda), elemento de segunda posição (localização medial) e elemento de última posição (localizado mais à direita), referentes às idiosincrasias comportamentais dos morfemas antroponímicos, que, neste trabalho, chamamos de “formativos”, como já mencionado na seção 2 deste estudo. Isso ocorre porque não há correspondência distribucional, nem comportamental, entre morfemas comuns e morfemas antroponímicos.

Outra consideração a ser mencionada diz respeito à conceituação de étimo. Segundo Viaro (2011, p. 99, grifos do autor)

O étimo de uma palavra investigada é a *forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer*. Nessa definição, por *forma* entendemos não só palavras, mas também unidades menores, como prefixos, sufixos, desinências, raízes, radicais.

Assim, buscamos reunir em nossas análises não só a forma, que seria o modo como o antropônimo neológico se apresenta no contexto sincrônico, mas também a recuperação

¹⁹ A utilização dessa rede social se justifica pela sua acessibilidade e rapidez, pois possui mais de 1 bilhão de usuários ativos e pode funcionar como ferramenta de busca ao alcance de um *click*. Para mais informações, cf.: <<http://olhardigital.uol.com.br/pro/noticia/numero-de-usuarios-do-facebook-cresce-mas-lucro-cai-9/50141>>.

²⁰ Apenas a título de exemplificação, pois o antropônimo não integra o *corpus* deste trabalho.

etimológica, resultando em uma análise histórico-comparativa, que pode ajudar a elucidar diversas questões pertinentes ao estudo de cada formativo.

10 ANÁLISE DOS DADOS

Como afirmamos anteriormente, é objetivo deste trabalho identificar os neologismos antroponímicos que apresentem em sua constituição pelo menos um formativo que aponte para um antropônimo tradicional cujo étimo seja germânico e analisar se estes se comportam como sua origem germânica em relação à posição e à adjunção a um segundo formativo. Além disso, também nos chamou a atenção o fato de que muitos prenomes do *corpus* se constituírem a partir de estruturas bitemáticas, mesmo quando se trata de elementos de origem inglesa, francesa etc., modelo que, em nossa antroponímia, é majoritariamente representado pelos nomes tradicionais herdados do sistema germânico, como visto acima na seção 7. Esses casos não foram analisados mais detidamente e por isso não foram elencados na lista a seguir, porém constituem uma importante influência germânica na construção de prenomes neológicos. Assim, do *corpus* analisado, destacamos as seguintes ocorrências:

Quadro 2 – *Corpus* selecionado a partir da existência de formativos germânicos

1. Cazildete	2. Cleslandir	3. Dailze
4. Damares	5. Delci	6. Deleni
7. Delma	8. Delsilene	9. Delson
10. Denivan	11. Edclea	12. Edeilice
13. Edemario	14. Edenildo	15. Edenilton
16. Ederaldo	17. Ederval	18. Ediana
19. Edie	20. Edijane	21. Edileide
22. Edilene	23. Edilla	24. Edinaldo
25. Edineia	26. Edirlainne	27. Edjane

28. Edmagno	29. Edmara	30. Edmildes
31. Edvania	32. Edwardes	33. Elenilma
34. Eliomar	35. Elivaldo	36. Elzenita
37. Enaldo	38. Erisvaldo	39. Eulla
40. Florisvaldo	41. Franciane	42. Francielle
43. Francinaldo	44. Francineia	45. Francislai
46. Gersinio	47. Gerval	48. Gilcimar
49. Gilmar	50. Gilmar	51. Gilmar
52. Gilmar	53. Gilmar	54. Gilmara
55. Gilneia	56. Gilsie	57. Gilsimar
58. Gilza	59. Giorlando	60. Gracielma
61. Ilza	62. Ilza	63. Ivanberg
64. Ivanilda	65. Ivanildes	66. Jailza
67. Jhosemberg	68. Joelza	69. Josenilda
70. Josimara	71. Josival	72. Julival
73. Lenivaldo	74. Lindomar	75. Lucimar
76. Lucimara	77. Lucimara	78. Neomar
79. Neumar	80. Nildes	81. Nilmara
82. Odeilma	83. Renilda	84. Roquildes
85. Rosinaldo	86. Rudival	87. Serivaldo

88. Sonival	89. Valdelia	90. Valdir
91. Valdir	92. Valmiro	93. Valnei
94. Vandilson	95. Wanildo	96. Zenaldo

Fonte: Elaborado pela autora.

A análise a seguir tomou como base o aspecto recorrência para a análise de elementos morfológicos antroponímicos nos dados acima arrolados, bem como a recuperação de sua origem, segundo os dicionários etimológicos de natureza onomástica já citados. Sobre os processos de formação dos prenomes, esclarecemos que iremos identificar as formações de antropônimos neológicos como um fenômeno de derivação quando pudermos verificar a associação de uma forma livre a uma forma presa, como no prenome *Franciane*. Por sua vez, destacaremos como um fenômeno de composição quando pudermos verificar a associação entre duas formas livres, como no prenome *Ivanberg*²¹. Além disso, também destacaremos nas análises o comportamento do formativo quanto à distribuição na construção lexical do antropônimo.

10.1 -ALDO/-NALDO/-VALDO

Correspondem ao *walt/wald* germânico, que significa “aquele que governa” ou ainda “forte”, “poderoso”. Exemplos de antropônimos dicionarizados em Nascentes (1952, p. 6) são *Aguinaldo*, significando o que “Guérios deriva do germânico Aginald: <que governa (wald) pela ou com a espada (agin)”, e *Arnaldo*, que seria a “águia poderosa, forte” (NASCENTES, 1952, p. 27). Em Nascentes (1952), observamos também que nomes com o formativo -aldo ~ -ardo também estão vinculados etimologicamente ao *hard/hart* germânico em nomes como *Geraldo* e *Bernardo*, significando “forte”, entretanto, a recorrência desses étimos se fez bem menor do que o *wald/walt*. De qualquer maneira, apesar de etimologicamente diferentes, seus significados atravessam os mesmos campos semânticos e parecem trazer confusão até mesmo para Nascentes que, no prenome *Oswaldo*, diz “Nome de homem. Do germânico: Os, forma de

²¹ O nome *Berg* foi verificado como antropônimo recorrente no Facebook.

Ase em composição, e walt, força (al. Gewalt), poder de Ase, poder de Deus (Century), deus poderoso” (NASCENTES, 1952, p. 226). Ainda é possível encontrar um terceiro étimo para formas em -aldo, como aponta Nascentes para o prenome *Teobaldo*, em cujo verbete se lê: “Nome de homem. Do germânico: *thiuda*, povo e *balths*, audaz, povo ousado (...)” (NASCENTES, 1952, p. 257, grifo do autor). Embora os étimos sejam distintos e esse seja um dos critérios basilares que contradiz a identificação de formas variantes de um mesmo formativo (cf. conceito tradicional de alomorfa), nesta análise foi considerado que o -aldo, o -naldo e o -valdo são formas variantes de um mesmo formativo, isso porque, no caso dos elementos que formam antropônimos, a coincidência fonológica parece ter valor preponderante para a associação entre os formativos, uma vez que são constructos desprovidos de significado e cuja origem encontra-se por demais recuada no tempo para que haja qualquer tipo de diferenciação entre eles por parte dos falantes da atual sincronia.

Os elementos -aldo/-naldo/-valdo também se mostraram bastante recorrentes no *corpus*, em um total de 11 ocorrências, sempre em posição final ou base mais à direita, e se referindo a nomes masculinos, até mesmo pela finalização em “o” que, em português, remete ao sexo masculino. Os prenomes encontrados neste trabalho foram: *Ederaldo*, *Edinaldo*, *Elivaldo*, *Enaldo*, *Erisvaldo*, *Florisvaldo*, *Francinaldo*, *Lenivaldo*, *Rosinaldo*, *Serivaldo* e *Zenaldo*. Curiosamente, observamos a facilidade com que -aldo/-naldo/-valdo se unem aos elementos de primeira posição Ed-, Edi- e Ede(r)-, também germânicos, totalizando 18% de todas as ocorrências analisadas com esses formativos, demonstrando produtividade. Outro exemplo de prenome com -aldo/-naldo/-valdo que também se agregou a um formativo germânico foi *Francinaldo* (Franci + naldo).

Ressaltamos também outros casos interessantes, como os dos antropônimos *Givaldo* e *Marivaldo*, encontrados em Machado (2003), e que trazem em suas definições algumas considerações importantes para este trabalho que se pauta em construções neológicas, as quais chamamos a atenção aqui, sendo, respectivamente: “Creio que formado arbitrariamente” (MACHADO, 2003, p. 718) e “Adaptação do fr. Marival?” (MACHADO, 2003, p. 950), demonstrando a preocupação de Machado em considerar já as formações neológicas.

Cabe destacar que a significativa produtividade deste formativo em nosso *corpus* pode/deve estar relacionada ao fato de que existem muitos prenomes tradicionais de origem germânica com esse formativo que foram/são comumente empregados na antroponímia do português brasileiro. Podemos citar, dentre os verbetes oferecidos por Nascentes (1952), pelo menos 26 nomes com os formativos -aldo/-naldo/-valdo, a saber: 1) ocupando a última posição (ou base mais à direita), encontram-se a maior parte dos modelos, com 20

ocorrências: *Adroaldo, Aguinaldo, Arnaldo, Arquibaldo, Beraldo, Bernaldo, Clodoaldo, Euvaldo, Evaldo, Geraldo, Giraldo, Heraldo, Osvaldo, Reginaldo, Reinaldo, Teobaldo, Ubaldo, Vilibaldo, Vinebaldo e Vivaldo*; 2) ocupando posição absoluta, encontramos três casos: *Aldo, Baldo* e *Valdo* – destaque-se que esses casos parecem se relacionar diretamente aos temas cujos étimos foram destacados por Nascentes, que são, respectivamente, *hard/hart, balths/bald* e *walt/wald*; 3) ocupando a primeira posição (ou base mais à esquerda), encontram-se três exemplos: *Aldobrando, Aldonça* e *Valdomiro*. Por fim, devemos destacar quatro ocorrências em que já se demonstra o caráter produtivo de nomes com este formativo através da criação de correspondentes femininos, como *Geralda* e *Ubalda*, bem como a formação de dois diminutivos, como *Geraldino* e *Ubaldino*. Observamos que tanto o feminino quanto o diminutivo correspondem às mesmas formas masculinas *Geraldo* e *Ubaldo*, o que nos leva a acreditar que em algum momento da história antroponímica esses nomes foram bastante usuais.

Em face desses exemplos, podemos argumentar que os nomes de origem germânica com os formativos *-aldo/-naldo/-valdo*, que se incorporaram ao léxico tradicional antroponímico do português do Brasil, fornecem bases para que os falantes abstraíam um esquema de formação que poderia ser assim formulado:

$$[X\text{-aldo}/X\text{-naldo}/X\text{-valdo}]_{NP} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa do sexo masculino}]_{NP}$$

no qual a indexação de natureza categorial implica a indicação de que será sempre um nome próprio (NP) e a contraparte de natureza significativa, além de demarcar o aspecto designativo que é o de “nome de pessoa”, também poderá trazer indicação de a que gênero esse nome se aplica, nesse caso.

10.2 -BERG

Do germânico *berg*, significando “montanha”, este formativo antroponímico apresentou duas ocorrências no *corpus* analisado – *Ivanberg* e *Jhosemberg* –, sempre em posição final ou mais à direita. Na antroponímia germânica, encontramos o prenome feminino *Idaberga* (NASCENTES, 1952), também em posição final, acrescido do *-a* que indica a forma feminina. Porém, há outros exemplos de antropônimos dicionarizados, como *Berger* (MACHADO, 2003) e *Bergen* (NASCENTES, 1952), demonstrando que este formativo poderia ocorrer também em posição considerada absoluta, o que indica certa mobilidade.

Embora não tenhamos encontrado ocorrências desse tipo em nosso *corpus*, conseguimos levantar exemplos similares no Facebook a respeito de alguns indivíduos que possuem o prenome *Berg*.

Especificamente sobre as ocorrências em nossos dados, podemos verificar que são dois prenomes masculinos. No que tange à estrutura morfológica, para a construção do neológico *Ivanberg* ocorre um processo composicional bitemático, uma vez que *Ivan* e *Berg* são antropônimos dicionarizados. Em *Jhosemberg* (do qual pressupomos a estrutura *Jhose* + *m* + *berg*), verificamos um processo semelhante de composição com a utilização do nome *José* (ainda que alterado em sua grafia tradicional – a inclusão do “h” parece ter a função de atribuir um caráter mais estrangeiro ao nome em questão, como visto na seção 8.1.7 deste estudo). A inserção da nasalidade que incide sobre a vogal final do primeiro componente *Jhosẽ(m)-* pode ser resultado de um processo analógico com o nome tradicional, e amplamente difundido no Brasil, *Gutemberg*, tomando *-mberg* como molde para o formativo. Ainda que haja indícios morfológicos que nos permitam fazer ilações acerca dessa associação, ainda estamos no âmbito da especulação linguística, pois não há como comprovar se, de fato, o falante, ao criar o prenome *Jhosemberg*, tomou por base o mesmo modelo usado no nome *Gutemberg*, uma vez que não há contato direto com os responsáveis pela atribuição do prenome²².

Contrariamente aos dados anteriormente analisados em 10.1, nos quais se verificou um número bastante significativo de nomes tradicionais com os formativos de origem germânica -aldo/-naldo/-valdo, os nomes neológicos com o formativo *-berg* não parecem ter tido muitos exemplares a partir dos quais se pudesse abstrair um esquema construcional de natureza antroponímica. Nesse caso, podemos aventar, com base em Gonçalves (2012), que se tratam de formações de natureza analógica. Segundo o autor:

[...] palavras complexas são muitas vezes criadas por espelhamento em outras. Tal é o caso das formações analógicas, definidas por Bauer (1983, p. 96) como construções morfológicas ‘claramente modeladas por um lexema complexo já existente, não dando origem a uma série produtiva’ (GONÇALVES, 2012, p. 172).

²² Além de apresentarmos conhecimento de que a nasalidade ocorra como marca de composição nas línguas germânicas.

Os antropônimos neológicos *Ivanberg* e *Jhosemberg* seriam, portanto, formações analógicas, modeladas a partir do antropônimo *Gutemberg*. Essa análise inclusive justificaria a variação sobre os segmentos do molde que foram delimitados pelos falantes para compor as novas formações (-berg e -mberg). Esse tipo de fenômeno também pode ser observado na proliferação de formações analógicas cunhadas a partir do molde da palavra “piriguete”, em que por vezes se toma como base o segmento piri- (“piribier”, “piriboy”, “pirigótica”), por vezes o segmento -ete (“empreguete”, “patroete”, “estudete”) e, ainda, por vezes, o segmento -guete (“coroguete”, “vovó-guete”, “exguete”). Desse modo, consideramos que uma única lexia, quando muito frequente e/ou representativa de um aspecto semântico particular, pode servir de base para formações analógicas que, se fixadas na tradição linguística, podem servir de base para a formação de esquemas abstratos que possibilitem a criação de novas palavras complexas com aquele mesmo padrão.

10.3 DEL-

Os nomes que apresentam os formativos *adal/edel* de origem germânica já foram estudados no âmbito do projeto “Todos os nomes”, especificamente no trabalho de Possidônio (2007), que investigou os prenomes deste *corpus* iniciados pela letra “a”. Neste estudo, retomamos esse formativo a fim de criar uma possível hipótese para cinco prenomes encontrados no nosso *corpus*.

O antropônimo tradicional e dicionarizado *Adelaide* é apresentado, em Nascentes (1952, p. 4, grifo do autor), com o seguinte verbete: “Do germânico *Adelheid*, do ant. alto al. *adal*, nobre, al. mod. *edel* e *heid*, no gótico *haidus*, maneira, em outras línguas ‘dignidade, qualidade’, al. mod. o sufixo *heit*, de qualidade nobre”, donde, inicialmente, apontamos a presença do elemento *adal/edel*. A par dessa informação, destacamos que, durante a análise do dicionário de Nascentes (1952, p. 88, grifo do autor), um prenome nos chamou a atenção devido às considerações acerca de sua constituição: *Delmiro*, no qual se lê “forma aferética de *Adelmiro*, do germânico *adel*, nobre, al. mod. *edel*”. Partindo, pois, da consideração de que as formas em *adel/edel* poderiam dar origem a formas aferéticas *dal/del*, consideramos ser possível que palavras que apresentem um segmento Del- possam estar relacionadas a esse

formativo germânico primitivo. Assim, os prenomes neológicos *Delci*, *Deleni*, *Delma*²³, *Delsilene* e *Delson*, encontrados no nosso *corpus*, não poderiam ser relacionados aos antigos *adal/edel* que se reduziram ao Del- sincrônico? Acreditamos que as possibilidades de aceitarmos essa hipótese são reforçadas quando consideramos que, em quase todos os casos, os nomes acima elencados também ocorrem no português do Brasil sem a aférese²⁴: *Adelci*, *Adelma*, *Adelsilene*, *Adelson*, *Edelci*, *Edelma*, *Edelsilene* e *Edelson* (nomes encontrados no Facebook, no qual não encontramos formas sem aférese, como em **Adleni* e **Edeleni*, apenas para *Deleni*).

10.4 ED-/EDI-/EDE-

As construções com Ed-, do germânico anglo-saxônico *ead*, que significa “riqueza, bens”, aparecem em oito prenomes germânicos encontrados em Nascentes (1952), a saber: *Edelberto*, *Edgar*, *Edite*, *Edmar*, *Edmundo*, *Edna*, *Eduarda* e *Eduardo*, dentre os quais se verificam nomes masculinos e femininos. Destaca-se que esse formativo ocupou regularmente a posição inicial (ou base mais à esquerda) nos nomes tradicionais de origem germânica documentados por Nascentes (1952).

Na análise deste *corpus*, verificamos que esses foram os formativos mais recorrentes, aparecendo 22 vezes no total: 13 em nomes femininos (*Edclea*, *Edeilice*, *Ediana*, *Edijane*, *Edileide*, *Edilene*, *Edilla*, *Edineia*, *Edirlainne*, *Edjane*, *Edmara*, *Edmildes* e *Edvania*) e oito vezes em nomes masculinos (*Edemario*, *Edenildo*, *Edenilton*, *Ederaldo*, *Ederval*, *Edinaldo*, *Edmagno* e *Edwardes*), além de um nome que não podemos atribuir com certeza o gênero a que se destina o uso, se masculino ou feminino, que é o *Edie*.

As formas com o acréscimo do “i” ou do “e” podem ser consideradas como casos de alografia, uma vez que mesmo quando ausente na escrita, a epêntese do [i] fonológico (<i> ou <e> gráfico) é realizada na fala. Há casos em que se pode identificar a ocorrência também de um -r-, formando os possíveis alomorfes “Eder-” e “Edir-”, como em: *Ederaldo* e *Edirlainne*, no entanto, será preciso uma investigação mais aprofundada a fim de determinar se de fato estamos diante de uma variação em torno de um mesmo formativo ou se esse elemento -r- não

²³ Se considerarmos verossímil a hipótese aventada neste trabalho, podemos inferir que, no caso de *Delma*, poderia se tratar da aglutinação entre Del- + -elma, ambos formativos germânicos.

²⁴ Processo de mudança linguística que consiste na supressão de fonema(s) no princípio do vocábulo.

ocorreria como elemento de ligação, sendo frequente em posição medial com outros formativos antroponímicos.

No antroponímico *Edeilice*, é possível observar a presença de um elemento medial, o -il-, também frequente com outros elementos de formação de antroponímicos, ocorrendo tanto em posição medial (mais frequente, como em *Adilson*, *Edilton*) quanto em posição final (*Edil*, *Eidil*, *Jail*). Acerca dessas ocorrências, vale ainda destacar que o elemento germânico em questão ocorreu em primeira posição em todas as formações analisadas.

Sobre a formação morfolexical com os formativos Ed-/Edi-/Ede-, prevaleceu a associação desse elemento a outros formativos que correspondem a formas livres na língua, como ocorre com os prenomes: *Edijane* (Edi + jane), *Edmara* (Ed + mara), *Edvania* (Ed + vania), *Edemario* (Ede + mario), *Edenilton* (Ede + nilton) e *Edmagno* (Ed + magno). Desse modo, consideramos que há um processo de natureza composicional²⁵ bastante recorrente, uma vez que se entende que o formativo Ed- é um hipocorístico já usual no português (vide o cantor e compositor *Ed Mota*).

Tratando sobre algumas peculiaridades da amostra, observamos que em *Edmara* parece ocorrer um fenômeno muito comum, que consiste na criação de um prenome feminino a partir de um masculino, no caso, o prenome *Edmar*. O fato curioso é que também foi encontrado, em Machado (2003), o prenome *Edmaro*. Sobre o neológico *Edwardes*, o que parece ter ocorrido é a formação de um prenome bem similar ao já dicionarizado *Eduardo* (NASCENTES, 1952), talvez por um desejo de se assemelhar à grafia estrangeira (já visto no subitem 8.1.7 deste estudo), o que acabou aproximando mais o prenome neológico do próprio formativo germânico que é o *ward*, que significa “guarda”, no sentido de guardião. Assim, apesar das grafias diferentes, tanto *Eduardo* como *Edwardes* possuiriam a mesma formação e o mesmo significado, só passível de ser recuperado através das bases etimológicas, que é o de “guarda da riqueza”.

Considerando o conjunto de antroponímicos tradicionais que apresentam em sua formação o elemento Ed-, em posição inicial (ou base mais à esquerda), pode-se admitir que um esquema construcional tenha permitido a grande produtividade deste formativo, esquema que poderia ser formulado, como a seguir:

²⁵ Ver Apêndice A.

[ED(i/e)-X]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}

Merece destaque, acerca do esquema acima exposto, o fato de que não há especificação quanto ao gênero dos nomes ao qual se aplica. Isso parece estar relacionado ao fato de esse ser um formativo de posição inicial (ou base mais à esquerda), dado que a indicação morfológica de gênero em português é usualmente marcada à margem direita, portanto, caberiam aos formativos antroponímicos, que usualmente ocupam essa posição, a integração da informação quanto à aplicação a nomes masculinos ou femininos. Também vale a pena ressaltar que o vazio, representado pelo X no mesmo esquema, poderá ser ocupado tanto por formas livres (como em *Ed-vânia* e *Ed-nilton*) quanto por formas presas (como em *Ed-illa*).

10.5 -ELMA/-ILMA

Com duas ocorrências no *corpus*, todas representando prenomes femininos – *Delma* e *Graciema*²⁶ –, o formativo -elma pode ter relação com o germânico *helm* cujo significado é “proteção, elmo”.²⁷

Um exemplo de antropônimo dicionarizado com este formativo é *Anselmo*, no qual se lê “Do germânico *Anse*, nome de deuses da mitologia germânica, e *helm*, elmo, aquele a quem os Anses servem de elmo” (NASCENTES, 1952, p. 19, grifo do autor). Para além de *Anselmo*, Nascentes (1952, p. 4, grifo do autor) ainda traz como exemplo de uso desse formativo o antropônimo *Adelelmo*, donde se lê: “Do germânico: *athal*, al. mod. *edel*, nobre e *hilms*, al. mod. *helm*, elmo, nobre elmo, nobre proteção”. Além desses dois casos, Nascentes (1952, p. 133, grifo do autor) ainda indica a presença do formativo germânico *helm* no antropônimo *Guilherme*: “Do germânico. Do francônio através do francês antigo *Guillelme*. O primeiro elemento é a raiz que se encontra no gótico *wilja*, vontade, no ant. alto al. *wellen*, al. mod. *Wollen*, querer, no ant. ing. *Willan*, ing. Mod. *Will*; o segundo é *hilms*, proteção, elmo”. No caso do nome *Guilherme*, o formativo assume uma forma variante -elme que, assim como -elmo, não se mostrou produtiva em nossos dados, uma vez que só foram identificadas formas

²⁶ Verificamos, em Nascentes (1952, p. 128), a existência de *Graciema*.

²⁷ Parte da vestimenta de defesa bélica destinada à proteção da cabeça do soldado. Lembrando que a maioria das palavras que remontam aos germânicos permeia principalmente o campo semântico do ambiente de guerra.

femininas em -elma, ou ainda em -ilma, pois no *corpus* foram encontrados dois prenomes femininos terminados com este formativo, a saber, *Elenilma* e *Odeilma*, que supomos, então, possa se tratar de uma variante do formativo -elma atuando nesses casos.

Aqui temos uma lacuna, pois dentre os exemplos de nomes tradicionais oferecidos por Nascentes (1952) não encontramos o modelo sobre o qual se pudesse cunhar as formas em -elma e -ilma. Contudo, se considerarmos que a formação de nomes femininos a partir de nomes tradicionais masculinos através do acréscimo do formativo -a é um processo bastante recorrente em português e que a existência de um modelo masculino bastante divulgado, como *Anselmo*, possa servir para cunhar formas analógicas no feminino, é ainda possível aventar a relação entre o -elma, formativo antropônimo do português brasileiro, e o *helm* germânico. É preciso, todavia, admitir que essa relação possa não existir e que -elma e -ilma tenham sua fonte em outros formativos originais de outras línguas que não a germânica.

Destaque-se, por fim, que ambas as formas apareceram em posição final ou mais à direita nos prenomes em que participam da formação.

10.6 -ELZA/-ILZA/-ILZE

Este formativo se apresentou como um dos mais difíceis de analisar devido ao pouco material encontrado nos dicionários de Nascentes (1952) e Machado (2003). O nome dicionarizado encontrado foi *Elsa*, em cujo verbete se lê

[...] aceitação da escrita alemã *Elsa*, diminutivo de *Elisabeth*. A sua generalização parece dever-se à heroína do *Lohengrin* de Wagner (1846-1848), que se chama assim. [...] trata-se de forma oriunda do mesmo nome alemão, talvez também devida à mesma personagem wagneriana, mas recebida por via oral, sabido que o -s- em al. tem o valor de -z- junto de vogal (MACHADO, 2003, p. 557, grifo do autor).

Acreditamos que as formas -elza/-ilza/-ilze podem estar relacionadas à mesma origem etimológica de *Elsa* e, portanto, de *Elisabeth*, configurando-se casos de variantes. Para tanto, também julgamos que os antropônimos dicionarizados *Nelza*, *Nilza* e *Nilze*, apesar de os étimos não serem apresentados por Machado, se refiram à mesma origem etimológica.

As ocorrências no *corpus* foram sete: *Dailze*, *Elzenita*, *Gilza*, *Ilza* (em duas ocorrências), *Jailza* e *Joelza*. Exceto pelo antropônimo *Elzenita*, todas as outras ocorrências correspondem a um formativo de posição final com sua forma germânica e seu significado etimológico desconhecido para os dados deste trabalho. Particularmente no caso de *Elzenita*,

ocorre a inserção do formativo de natureza diminutiva (-ita) ao antropônimo feminino *Elza* que, segundo Machado (2003), seria o diminutivo de *Elisabeth*, com uma significação obscura, apenas existindo certeza sobre o primeiro elemento “Eli”, que significa “deus”. Com relação ao antropônimo *Gilza*, em específico, aventa-se a hipótese de que tenha ocorrido uma aglutinação no processo de formação do composto (Gil + ilza).

10.7 FRANCI-

Oriundo do germânico *frank*, significa “franco”. O formativo Franci-, no *corpus* analisado, aparece sempre como elemento de primeira posição (ou base mais à esquerda), ou seja, aparece sempre no início da construção antroponímica neológica. No nosso *corpus* ocorreu cinco vezes no total, três vezes correspondendo a nomes femininos (*Franciane*, *Francielle* e *Francineia*), uma vez correspondendo a nome masculino (*Francinaldo*) e uma vez sem apresentar correspondência clara quanto ao gênero ao qual se aplica (*Francislai*). Exemplos de antropônimos dicionarizados com este formativo são os nomes *Francisco* e *Francelio*, e alguns derivados são: *Francisca* e *Francelina*, *Francelino* (NASCENTES, 1952).

Sobre os processos de formação desses neologismos, podemos afirmar que, nos nomes femininos, prevaleceu a derivação, sendo Franci- associado em três ocorrências a formativos antroponímicos de última posição (elementos à extrema direita), como -ane, -elle e -neia. Nas duas outras ocorrências, observa-se a composição, ou acrossemia, sendo Franci- associado a -naldo e -lai. Destacamos o neológico *Francislai*, que parece ser a melhor representação do fenômeno da acrossemia, uma vez que podemos supor uma união entre os prenomes *Francisco* e *Lais*, por exemplo, ou mesmo uma forma presa -lai.

Sobre a criação de prenomes femininos a partir de masculinos, podemos exemplificar com a ocorrência *Franciane*, até pela observação do prenome *Franciano*, em Machado (2003), o elemento formativo -ane designando o feminino, comum em vários outros nomes como *Cristiane* e *Fabiane*.

Cabe ressaltar que nos parece haver uma significativa produtividade deste formativo, que foi, obviamente, destacado do antropônimo *Francisco*, de frequência incontestada nos nossos usos antroponímicos. Desse modo, assume-se um possível esquema construcional para esses antropônimos neológicos:

$$[\text{Franci(s)-X}]_{\text{NP}} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa}]_{\text{NP}}$$

Sobre essa possível esquematização, destacamos que, assim como ocorreu com as formas em Ed-, por se tratar de um elemento localizado em posição inicial ou base mais à esquerda, não se verifica a especificação quanto ao gênero dos antropônimos que contenham este formativo.

10.8 GER-

Aparece duas vezes no *corpus* estudado, sempre em posição inicial (ou base mais à esquerda) e relacionado a nomes masculinos: *Gersinio* e *Gerval*. Sua forma germânica, *gairu*, corresponde a “lança”. Exemplos de antropônimos dicionarizados com este formativo são: *Geraldo* e seus derivados ou variantes *Geralda*, *Geraldina*, *Geraldino*, *Gerardo*, *Gerberto*, *Gerda*, *Geremaro*, *Gertrudes*, *Gervásia*, *Gervásio* (NASCENTES, 1952).

Com relação aos casos encontrados no nosso *corpus*, ressaltamos que o antropônimo *Gerval* foi composto pela utilização de dois formativos germânicos (Ger- + -val), através de um processo composicional, que significaria, caso se desejasse recuperar os sentidos etimológicos, de acordo com o sistema de nomeação germânica, “o poderoso da lança”.

Destaque-se que este é um formativo de primeira posição (ou base mais à esquerda) e que admite ser empregado para a construção de antropônimos femininos e masculinos, embora, nos nossos dados, só se apresentem exemplos de formações aplicadas tipicamente ao gênero masculino.

Com a baixa produtividade do formativo no *corpus* analisado, ainda não possuímos dados para propor a existência de um esquema construcional para formas antroponímicas com Ger-.

10.9 GIL-

Este formativo se mostrou bastante recorrente no *corpus* estudado ocorrendo 11 vezes no total – cinco em nomes masculinos (*Gilmar*), quatro vezes em nomes femininos (*Gilmara*, *Gilneia*, *Gilsie* e *Gilza*) e dois nomes que podem corresponder a homem/mulher (*Gilcimar* e *Gilsimar*) –, mas sempre em posição inicial. Fato curioso é que no dicionário de Machado (2003, p. 715, grifo do autor) há a seguinte menção ao antropônimo *Gilberto*: “Do fr. *Gilbert*, este de origem germânica, de *gil-*, radical de origem obscura (de *gisil*, «penhor») [...]”, ou

seja, atestando a dificuldade do próprio autor em afirmar claramente a origem etimológica do elemento.

É interessante analisar que das 11 ocorrências, em oito ocorrem uma ligação ao formativo -mar (ou -mara, na formação de prenomes femininos), comprovando novamente a possibilidade de união entre mais de um formativo antroponímico germânico na formação dos neológicos. Em *Gilcimar* e *Gilsimar* (Gil + ci + mar; Gil + si + mar) há correspondência fônica, porém, uma diferença ortográfica no elemento medial (-ci-/-si-) que os diferencia em sua forma.

10.10 -ILDA/-ILDES/-ILDO

Com o formativo *hild/hilde* germânico, que significa “combate”, é possível encontrar alguns prenomes dicionarizados em Nascentes (1952), com comportamentos distintos, alguns ocupando a posição inicial ou mais à esquerda (*Hildeberto, Hildebrando, Hildegarda, Hildemar, Hilderico, Ildefonso*), outros ocupando a posição final ou mais à direita (*Batilde, Brunilda, Cassilda, Clotilde, Cremilda, Heremildo, Giselda, Leonilda, Matilde, Ragnilda, Tusnelda*), e também em posição absoluta, como nos prenomes *Hilda* e *Hildo*.

Nos exemplos acima, é possível observar a mobilidade do formativo no seu emprego original, isto é, em prenomes formados na língua germânica, podendo ocupar tanto a posição final quanto a inicial e, ainda, não se conjugar com nenhum outro formativo assumindo uma posição absoluta. Além disso, o formativo se mostrou afeito à aplicação em nomes dos dois gêneros, mesmo quando se apresenta como elemento de posição inicial, verificando-se as formas -ilda, -elda e -ilde, de feitiço feminino, e a forma -ildo, de feitiço masculino.

Nos 10 prenomes encontrados no *corpus*, o formativo em questão só ocupou a posição final ou mais à direita, apresentando-se em oito prenomes femininos (*Cazildete, Edmildes, Ivanilda*²⁸, *Ivanildes, Josenilda, Nildes*²⁹, *Renilda* e *Roquildes*) e em dois prenomes masculinos (*Edenildo* e *Wanildo*). Aqui, diferentemente da grande maioria dos formativos analisados neste estudo, o elemento masculino -ildo é que parece ter sido originado do feminino -ilda, pois em Nascentes (1952, p. 171, grifo do autor) observa-se, para o prenome *Leonildo*, a seguinte definição “Nome de homem. Masculino de *Leonilda*. O segundo

²⁸ Verificamos, em Machado (2003, p. 816), a existência de *Ivanildo*.

²⁹ Verificamos, em Machado (2003, p. 1072), a existência de *Nilda* e *Nilde*.

elemento é próprio dos nomes femininos”, enquanto que em *Leonilda* (1952, p. 171, grifo do autor) lemos a seguinte definição: “Nome de mulher. Do germânico: al. *Löwe* (lat. *Leo*, leão, e *hild*, combate, leoa combatente, a que peleja como uma leoa”. Outra consideração a ser feita diz respeito ao formativo -ildes, o qual apresenta uma forma um pouco inovadora ao trazer um -s paragógico, uma vez que tem por base o formativo -ilde (verificado nos prenomes femininos *Clotilde* e *Matilde*). Em todo o caso, nos parece muito provável que seja uma forma variante do formativo -ilde.

Do ponto de vista morfológico, parece existir um favorecimento na utilização deste formativo antecedido do elemento “n”, como em *Edenildo* (Ede + n + ildo), *Ivanilda* (Ivan + ilda), *Ivanildes* (Ivan + ildes), *Josenilda* (Jose + n + ilda), *Nildes* (N + ildes), *Renilda* (Ren³⁰ + ilda) e *Wanildo* (Wan³¹ + ildo). Sobre o processo de formação dos neológicos, prevaleceu a formação de natureza composicional em quase todas as ocorrências, como em *Roquildes* (Roqu(i) + ildes), além da possibilidade de união a outros elementos germânicos, como em *Edmildes* (Ed+ m + ildes), fato já observado em outros prenomes.

Destaca-se que a produtividade deste formativo nos leva a aventar a existência de um esquema construcional para a geração de novos antropônimos que, no caso do português brasileiro, apresenta-se como sendo um constructo essencialmente localizado na posição inicial ou mais à esquerda. A única exceção encontrada em nossos dados foi o prenome *Cazildete*, no qual se observa a ocorrência do formativo de natureza diminutiva -ete após o -ild-, movendo-o para a posição medial. Contudo, a formação de diminutivos é um fenômeno bastante regular para a formação de antropônimos, tão regular que podemos admitir que qualquer nome próprio de pessoa possa ser empregado em uma fórmula diminutiva, havendo para tanto inúmeros formativos com esse valor linguístico (-ete, -inho/-inha, -ito/ita etc.). Assim, não acreditamos que devamos considerar que o -ilda/-ildes/-ildo sejam elementos que tenham como princípio regular assumir a posição medial, uma vez que isso irá ser regra geral para todo formativo que vier acompanhado de um elemento diminutivo à margem direita. Dessa forma, formulando o esquema construcional teremos:

$$[X\text{-ild(a/e/es/o)}]_{\text{NP}} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa}]_{\text{NP}}$$

³⁰ Aqui atribuímos o Ren- ao antropônimo de origem céltica *Reno*.

³¹ Segmentação pensada a partir da observação dos prenomes *Wanberto* e *Wanberg*, encontrados na busca do Facebook.

10.11 -LAND-

Do germânico *land*, que significa “terra, país”, este formativo antroponímico é muito observado nos topônimos, como em *Uberlândia* (Minas Gerais), *Inaciolândia* (Goiás) e *Teofilândia* (Bahia). Por sua vez, este elemento também se aplica à formação de antropônimos, como os dicionarizados por Nascentes (1952): *Lamberto*, *Landolfo*, *Landulfo*, *Orlanda*, *Orlandino*, *Orlando* e *Rolando*. Sobre esses dados, verifica-se que o formativo ocupa tanto a posição inicial, ou mais à esquerda, quanto a final, ou mais à direita, e que na presença de outro formativo de valor diminutivo, ele é movido para a posição medial, como no caso do prenome *Orlandino*.

No *corpus* em questão, foram encontradas duas ocorrências: o prenome masculino *Giorlando* e o prenome *Cleslandir*, ao qual não é possível atribuir o sexo do indivíduo. Diferentemente do exemplo dicionarizado mencionado acima, em que o formativo aparece ocupando a posição inicial ou mais à esquerda, nas ocorrências do *corpus*, o formativo ocupou a posição final (Gior + land(o)) –, assim como nos topônimos, e também foi o único formativo a ocupar a posição medial (Cles + land(i) + r), ratificando a não fixidez dos formativos dentro da estrutura dos prenomes neológicos.

Optamos por tratar o -land como localizado na última posição ou mais à direita do neológico *Giorlando*, por acreditar que a presença do “o” se deva ao caráter idiossincrático da língua portuguesa em não se utilizar da oclusiva “d” ao fim de seus vocábulos, necessitando da ativação do processo conhecido como paragoge – que consiste no acréscimo de um segmento fonético em posição final de palavra. Por esse motivo, ocorre a inserção da vogal átona “o”, desmanchando a sílaba antes travada. Entretanto, no caso do neológico *Cleslandir*, optamos por situar o -land- em posição medial, uma vez que o “r” já passa a atuar de forma diferenciada do “i” paragógico, com a sua necessidade já explicada acima.

10.12 LIND-

Do germânico *lint*, com o significado de “protetor” e ocupando a posição inicial ou mais à esquerda, este formativo aparece em Nascentes (1952, p. 174, grifo do autor) no antropônimo masculino *Lindolfo*, no qual se lê “Do germânico: *lint*, protetor, e *wolf*, lobo” e, em Machado (2003, p. 883, grifo do autor), em *Lindeberto*, “De origem germânica, de *lint*, <<protector>> [...]”. Contudo, observamos em Nascentes (1952) a existência de outra forma correspondente ao -lind, porém em posição final ou base mais à direita, correspondente ao

germânico *lind*, significando “serpente”, a exemplo dos antropônimos *Arlindo* ou *Teolinda*. A confusão fica maior quando recuperamos o antropônimo *Ermelinda*, no qual se lê “Nome de mulher. Do germânico: *ermens*, forte e *lind*, dragão, serpente [...] Nunes, RL, XXXII, 116, interpreta <a que protege>, em vez de <serpente>, atento o papel deste réptil na mitologia germânica” (NASCENTES, 1952, p. 101, grifo do autor). Ou seja, mesmo atribuindo a *Ermelinda* a presença do *lind* em sua constituição, há utilização da definição adotada para o *lint*.

O fato que parece estar claro aqui é que, assim como ocorreu com o formativo germânico -ilda, visto acima, também há referências ao -lind como oriundo de nomes femininos, devido ao que encontramos no antropônimo *Deolindo*, no qual se lê “O germânico -*lind*, serpente, é formador de nomes de mulher. Pensa Dauzat, NP, 31, que pode evocar mais especialmente as funções domésticas ou o caráter da mulher” (NASCENTES, 1952, p. 89, grifo do autor).

No *corpus*, apareceu uma única vez, em posição inicial ou mais à esquerda, no prenome masculino *Lindomar*. Observamos nessa ocorrência a construção de um antropônimo neológico, novamente através da utilização de mais de um formativo germânico (Lind(o) + mar)³².

10.13 -MAR

Uma das possíveis origens etimológicas deste formativo é oriunda do elemento *mar* germânico, que corresponde à “glória, fama, pessoa brilhante”. Exemplos de antropônimos dicionarizados em Nascentes são: *Adelmar*, *Ademar*, *Dagmar*, *Edmar*, *Guiomar*, *Hilmar*, *Oldemar*, *Osmar*, *Valdemar* e *Vilmar*. Nesses exemplos, todos os antropônimos apresentam o formativo -mar localizado em posição final ou mais à direita, referindo-se a nome masculinos, conforme a notação de Nascentes. Contudo, há que se observar que a norma brasileira legitimou o uso de *Guiomar* e *Dagmar*, por exemplo, preferencialmente para pessoas do sexo feminino, por sua vez, *Osmar* e *Valdemar* apresentam uma maior tendência de serem empregados para designar pessoas do sexo masculino, em todo o caso, é possível que

³² Aventamos também a hipótese de que se trate do resultado de uma composição entre dois vocábulos do léxico comum, que seria o “lindo” associado ao vocábulo “mar”.

qualquer um desses nomes se encontre registrado para pessoas de ambos os sexos, conferindo ao formativo -mar um caráter ambíguo quanto ao gênero.

No *corpus* analisado, este foi um dos formativos mais recorrentes ao aparecer 19 vezes, sempre em posição final. Dessas formações, sete prenomes parecem ter um caráter feminino, uma vez que o formativo -mar vem acrescido de alguma terminação que lhe forneça esse valor, como se vêem: *Damares*³³, *Edmara*, *Gilmara*, *Josimara*, *Lucimara* (em duas ocorrências) e *Nilmara*; além desses, identificamos seis prenomes que são usualmente designativos de indivíduos masculinos, a saber: *Gilmar*, em cinco ocorrências, e *Lindomar*. Nos casos em que se observa um caráter menos usual, ou seja, mais neológico, ficou claro o caráter ambíguo do formativo, uma vez que não nos foi possível definir com certeza a que gênero os seis nomes a seguir se referem: *Eliomar*, *Gilcimar*, *Gilsimar*, *Lucimar*, *Neomar* e *Neumar*³⁴.

Esse alto índice de indeterminação (seis das 19 ocorrências) pode ter relação com a terminação em “r” que, até mesmo no léxico comum, pode se referir a substantivos de ambos os gêneros (como em “o mar”, “o amor”, “a mulher”, “a colher”).

Outro aspecto interessante a se destacar é que devemos admitir que as palavras de caráter feminino possuem o seu processo formativo associado a duas fortes hipóteses: a primeira entende que a este formativo germânico -mar se acrescentou o formativo indicador de feminino -a (resultando em -mara), em prenomes como *Edmara*, *Gilmara*, *Josimara*, *Lucimara* e *Nilmara*; a segunda admite que esse não seja o formativo germânico, mas sim o hipocorístico de *Maria* > *Mara*, resultando em processos de natureza composicional com outras formas livres, hipocorísticas ou plenas (*Ed*, *Gil*, *Josi*, *Luci* e *Nil*).

A produtividade deste formativo nos aponta para o fato de que é provável que haja um esquema construcional para antropônimos com esse padrão/esses padrões. Devemos, contudo, considerar que as duas hipóteses anteriormente aventadas geram implicações para essa análise. Assim, considerando a primeira hipótese como sendo a válida, teremos:

$$[X\text{-mar(a/es)]}_{NP} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa}]_{NP}$$

³³ Nesse caso, consideramos o -mares como um alomorfe de -mar.

³⁴ A título de curiosidade, em Nascentes (1952, p. 215) foi encontrado o topônimo *Neumark(t)*, que é uma cidade da Alemanha.

de onde se admite que o formativo -mar (originalmente germânico) poderá receber a adição dos formativos -a e -es para demarcar o gênero feminino.

Por outro lado, se admitirmos que a segunda hipótese é a verdadeira, teremos não um, mas dois esquemas construcionais: um para as formações ambíguas quanto ao gênero empregando o formativo -mar e outra para o formativo -mara, hipocorístico de *Maria*:

1) [X-mar(a/es)]_{NP} ↔ [nome de pessoa]_{NP}

e

2) [X-mara(es)]_{NP} ↔ [nome de pessoa do gênero feminino]_{NP}

10.14 -MIR³⁵

Oriundo do germânico *mar*, com o significado de “afamado, ilustre”, este formativo ocorre em antropônimos dicionarizados como *Aldimir* e *Delmiro*. No *corpus* estudado, o formativo foi encontrado apenas no prenome masculino *Valmiro*³⁶, ocupando posição final ou mais à direita. Novamente, como em vários prenomes já analisados, há a união de mais de um formativo germânico na construção neológica antroponímica (Val + mir(o)).

10.15 VAL-/-VAL/-VALD-

Mais de uma origem etimológica foi atestada para este formativo. A primeira é *balths*, que significa “audaz” e aparece em antropônimos dicionarizados em Nascentes (1952, p. 309, grifo do autor), como *Valdemiro*, em cujo verbete se lê “Nome de homem. Do germânico: *balths*, audaz e *mers*, conhecido, famoso, grande”. Entretanto, também é possível observar uma definição ligada a outro étimo, o *walt*, que significa “poderoso”, como podemos observar nos prenomes *Valfredo*, *Valfrido*, nos quais se leem: “Nome de homem. Do germânico: *walt*, poderoso, e *frede*, al. *Friede*, paz, poderoso dador ou portador da paz” (NASCENTES, 1952, p. 310, grifo do autor). Contudo, no antropônimo *Valdemar*, encontramos a seguinte explicação:

³⁵ Apontamos o conhecimento do -mir como de origem eslava. No estudo em questão, o formativo é designado assim como Nascentes (1952) e Machado (2003).

³⁶ Verificamos, em Machado (2003, p. 1456), a existência do antropônimo *Valmírio*.

Nome de homem. Do germânico: *balths*, audaz e *mar*, cavalo (J. Piel, BF, VIII, 377). LV, Antr., 80, tirou do gótico *waldan*, governar. Nunes, RL, XXXV, 22, de *walde*, senhor, soberano, e *mar*, brilhante, afamado, traduzido também por <afamado em poder>, mas não por <senhor, dominador do mundo> (NASCENTES, 1952, p. 309, grifo nosso).

Percebemos que os três elementos citados – *balths*, *walt* e *waldan* – possuem significados que perpassam os campos conceituais mencionados por Mattos e Silva (2003), posto que correspondem a adjetivos ou verbo referentes a elementos facilmente observados em situações bélicas, posto que eram povos guerreiros. Assim, seja qual for a origem do formativo Val-/-val, podemos afirmar que ele entra na língua portuguesa a partir de modelos diversos, ocupando posições variadas, como se vê nos prenomes atestados em Nascentes (1952): na posição inicial ou base mais à esquerda temos: *Valdemar*, *Valdomiro*, *Valfredo*, *Valfrido*, *Valmir* e *Valter*; na posição final ou base mais à direita: *Euvaldo*, *Evaldo*, *Oswaldo* (deriva *Oswaldina*) e *Vivaldo*; e, por fim, em posição absoluta, temos: *Valdo*.

No *corpus* analisado, este formativo esteve presente não só em posição inicial, mas também em posição final, ratificando sua mobilidade na estrutura da palavra. Os prenomes encontrados na nossa análise totalizam 11 ocorrências, que são: *Ederval*, *Gerval*, *Josival*, *Julival*, *Rudival*, *Sonival*, *Valdelia*, *Valdir* (em duas ocorrências), *Valmiro* e *Valnei*. Todos, à exceção de *Valdelia*, parecem se referir a prenomes masculinos e correspondem a 11% do *corpus*, demonstrando se tratar de um elemento produtivo na construção de antropônimos neológicos. Novamente, é possível observar que em prenomes como *Gerval* e *Valmiro* a formação envolve mais de um formativo germânico.

Considerando a produtividade e a mobilidade deste formativo, podemos aventar um esquema construcional que possa dar conta desse aspecto assim formulado:

$$[\text{Val-X/X-val}]_{\text{NP}} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa}]_{\text{NP}}$$

10.16 VAN-/-VAN

Ao encontrarmos no nosso *corpus* o prenome *Denivan*, surgiu a suspeita de que o elemento final ou de base mais à direita -van poderia ser oriundo do mesmo elemento formador do antropônimo dicionarizado *Vanda*, em cujo verbete se lê: “[...] Guérios relaciona com os verbos alemães *weden*, voltar, *wandeln*, caminhar, *wanden*, peregrinar, e interpreta como <(pequena) vândala> ou <andarilha>” (NASCENTES, 1952, p. 310, grifo do autor). Isso porque já ficou claro nesta análise que muitos formativos apresentam mobilidade na

estrutura dos seus compostos, podendo atuar em diferentes espaços (posição inicial, medial ou final) na construção de antropônimos neológicos. Assim posto, o outro prenome encontrado no *corpus* referente a este formativo germânico é *Vandilson*, com o Van(d)- ocorrendo em primeira posição ou base mais à esquerda.

10.17 OUTROS CASOS

Ocorreram outros dois casos interessantes quanto à construção de antropônimos neológicos de natureza germânica. O primeiro, *Eulla*, parece se referir à criação de um nome feminino a partir de um nome germânico masculino, *Euler*, que, segundo Machado (2003), talvez se trate de uma homenagem aos matemáticos suíços com esse apelido. O segundo caso corresponde ao prenome feminino *Karla*, que vem de *Carlos*. Machado (2003, p. 353, grifo do autor) afirma sobre o verbete *Carlos*: “[...] O nome tem origem germânica, «e significa de modo geral <homem>»: alto-alemão antigo *charal*, *charl*, *Karal*: alemão moderno *Karl*, nome próprio [...]”. Portanto, assim como em *Eulla*, observa-se a criação de um antropônimo feminino a partir de um masculino.

11 DISCUSSÃO DOS DADOS

Depois de uma apurada análise dos dados, construímos o Quadro 3, descrito a seguir, no qual foram elencados todos os formativos antropônimos germânicos encontrados no *corpus*, juntamente com outras informações, como a sua forma antiga – que se refere estritamente ao seu modo de utilização pelos povos germânicos quando da invasão da Península Ibérica –, seguido da recuperação do seu significado etimológico.

Quadro 3 – Formativos germânicos quanto à forma antiga e ao significado etimológico

Elemento formativo	Forma antiga	Significado etimológico
-aldo/-naldo/-valdo	<i>walt/wald</i>	Aquele que governa; forte, poderoso
-berg	<i>berg</i>	Montanha
Del-	<i>adal/edel</i>	Nobre
Ed-/Edi-/Ede-	<i>ead</i>	Riqueza, bens

-elma/-ilma	<i>helm</i>	Elmo
-elza/-ilza/-ilze	*	*
Franci-	<i>frank</i>	Franco
Ger-	<i>gairu</i>	Lança
Gil-	<i>gisil</i>	Penhor
-ilda/-ildes/-ildo	<i>hild/hilde</i>	Combate
-land-	<i>land</i>	Terra, país
Lind-	<i>lint/lind</i>	Protetor
-mar	<i>mar</i>	Glória, fama, pessoa brilhante
-mir	<i>mar</i>	Afamado, ilustre
Val-/-val	<i>balths; walt; waldan</i>	Audaz; poderoso; governar
Van-/-van	<i>weden; wandeln; wanden</i>	Voltar; caminhar; peregrinar

Fonte: Elaborado pela autora.

No Quadro 4 foram elencados os antropônimos dicionarizados – encontrados nos dicionários de Nascentes (1952) ou Machado (2003) –, além das ocorrências de antropônimos neológicos referentes ao contexto sincrônico/contemporâneo da Bahia, porém, como já explicado, tomadas em perspectiva nacional.

Quadro 4 – Formativos germânicos quanto aos nomes dicionarizados e às ocorrências encontradas no *corpus*

Elemento formativo	Nome germânico	Ocorrência no <i>corpus</i>
-aldo/-naldo/ -valdo	Adroaldo, Aguinaldo, Aldo, Aldobrando, Aldonça, Arnaldo, Arquibaldo, Baldo, Beraldo, Bernaldo, Clodoaldo, Euvaldo, Evaldo, Geraldo, Giraldo, Herald, Osvaldo, Reginaldo, Reinaldo, Teobaldo, Ubaldo, Valdo, Valdomiro, Vilibaldo, Vinebaldo, Vivaldo	Ederaldo, Edinaldo, Elivaldo, Enaldo, Erisvaldo, Florisvaldo, Francinaldo, Lenivaldo, Rosinaldo, Serivaldo, Zenaldo
-berg	Berg, Gutemberg, Idaberga	Ivanberg, Jhosemberg
Del-	Adelaide, Delmiro	Delci, Deleni, Delma, Delsilene, Delson
Ed-/Edi-/Ede-	Edelberto, Edgar, Edite, Edmar, Edmundo, Edna, Eduardo, Eduarda	Edclea, Edeilice, Edemario, Edenildo, Edenilton, Ederaldo, Ederval, Ediana, Edie, Edijane, Edileide, Edilene, Edilla, Edinaldo, Edineia, Edirlainne, Edjane, Edmagnó, Edmara, Edmildes, Edvania, Edwardes
-elma/-ilma	Adelelmo, Anselmo, Guilherme	Delma, Elenilma, Gracielma, Odeilma
-elza/-ilza/-ilze	Elsa, Nelza, Nilza	Dailze, Ilza (2x), Gilza, Jailza, Joelza
Franci-	Francelina, Francelino, Francelio, Franciano, Francisca, Francisco	Franciane, Francielle, Francinaldo, Francineia, Francislai
Ger-	Geralda, Geraldina, Geraldino, Geraldo, Gerardo; Gerberto, Gerda, Geremaro, Gertrudes, Gervásia, Gervásio	Gersinio, Gerval

Gil-	Gilberto	Gilcimar, Gilmar (5x), Gilmara, Gilneia, Gilsie, Gilsimar, Gilza
-ilda/-ildes/-ildo	Batilde, Brunilda, Cassilda, Clotilde, Cremilda, Giselda, Heremildo, Hilda, Hildo, Hildeberto, Hildebrando, Hildegarda, Hildemar, Hilderico, Ildefonso, Leonilda, Matilde, Ragnilda, Tusnelda	Cazildete, Edenildo, Edmildes, Ivanilda, Ivanildes, Josenilda, Nildes, Renilda, Roquildes, Wanildo
-land-	Lamberto, Landolfo, Landulfo, Orlanda, Orlandino, Orlando, Rolando	Cleslandir, Giorlando
Lind-	Arlindo, Deolindo, Ermelinda, Lindeberto, Lindolfo, Teolinda	Lindomar
-mar	Adelmar, Ademar, Dagmar, Edmar, Guiomar, Hilmar, Oldemar, Osmar, Valdemar, Vilmar	Damares, Edmara, Eliomar, Gilcimar, Gilmar (5x), Gilmara, Gilsimar, Josimara, Lindomar, Lucimar, Lucimara (2x), Neomar, Neumar, Nilmara
-mir	Aldimir, Delmiro	Valmiro
Val-/-val	Euvaldo, Evaldo, Osvaldina, Osvaldo, Sinval, Valdemar, Valdemiro, Valdo, Valdomiro, Valfredo, Valfrido, Valmir, Valter, Vivaldo	Ederval, Gerval, Josival, Julival, Rudival, Sonival, Valdelia, Valdir (2x), Valmiro, Valnei
Van-/-van	Vanda	Denivan, Vandilson

Fonte: Elaborado pela autora.

Todavia, uma ressalva deve ser feita com relação ao significado recuperado através da base etimológica. Diferentemente do que ocorria no sistema de nomeação germânico – em

que cada formativo estava associado a um elemento do léxico comum –, o sistema de nomeação brasileiro vive um momento de opacidade histórica, em que nem os indivíduos que nomeiam, nem os indivíduos nomeados parecem conhecer a carga significativa que poderia se considerar embutida em seus nomes caso se recuperasse o sentido etimológico³⁷. Logicamente, consideramos nesta investigação que os nomes próprios, de fato, são itens carentes de significado lexical, o que foi, inclusive, um dos aspectos mencionados por Ullmann (1967). O que se coloca em questão é o fato de a maioria das pessoas, atualmente, garantir (e isso pode ser comprovado em qualquer pesquisa aplicada a um grupo de indivíduos) que escolhem um antropônimo muito mais por aspectos fonéticos, o famoso “o som do nome é bonito”, do que por aspectos semânticos, além da influência midiática, que atua como uma forte disseminadora de antropônimos, como os nomes de personagens de novelas. Poucos poderiam afirmar, a partir do senso comum, por exemplo, que sabem que o significado etimológico de *Edmar* é aquele que é “ilustre por suas riquezas” ou que *Raimundo* significa “o que protege com conselhos”.

A partir das informações dos 16 formativos germânicos reunidos nos Quadros 3 e 4, foi possível formular o Quadro 5 que, novamente com a indicação de todos os formativos germânicos encontrados no nosso *corpus*, apresenta informações sobre a posição que eles ocupam na estrutura dos prenomes neológicos encontrados. A intenção foi observar se os formativos germânicos do contexto sincrônico/contemporâneo brasileiro ainda apresentam o mesmo comportamento dos formativos referentes à época da ocupação da Península Ibérica.

³⁷ Muito embora os nomes designativos sejam, por natureza, desprovidos de significado, não é raro que, ao escolher o nome para um filho, os pais busquem informações acerca dos sentidos etimológicos (populares ou científicos) dos nomes preferidos. Também não é raro que pais recentes sejam interpelados acerca do significado que os nomes de seus filhos poderiam ter, assim, busca-se mais uma justificativa para a escolha do nome, do que propriamente a intenção de que aquele significado seja associado ao indivíduo portador do nome.

Quadro 5 – Formativos germânicos quanto à posição que podem desempenhar na estrutura dos prenomes

Formativos/ posição	Primeira base (ou base mais à esquerda)		Segunda base (ou base medial)		Última base (ou base mais à direita)	
	Modelo brasileiro	Modelo germânico	Modelo brasileiro	Modelo germânico	Modelo brasileiro	Modelo germânico
-aldo/-naldo/ -valdo					X	X
-berg		X			X	X
Del-	X	X				
Ed-/Edi- /Ede-	X	X				
-elma/ -ilma					X	X
-elza/-ilza/ -ilze	X				X	X
Franci-	X	X				
Ger-	X	X				
Gil-	X	X				
-ilda/-ildes/ -ildo			X		X	X
-land-		X	X		X	
Lind-	X	X				
-mar					X	X
-mir					X	X
Val-/-val	X	X			X	X
Van-/-van	X	X			X	

Fonte: Elaborado pela autora.

A primeira constatação observada através das informações do Quadro 5 é a de que, apesar de a grande maioria dos formativos apresentarem posição correspondente a dos formativos antigos na estrutura dos neologismos antroponímicos brasileiros, é possível observar certa mobilidade em alguns formativos como o *Ilza*, que passa a aparecer em posição absoluta nos nossos dados. O caso mais interessante, porém, é o do formativo -land-, que pode estar localizado em posição de primeira base ou mais à esquerda, como no antropônimo dicionarizado *Landulfo*, em posição medial, como no neológico *Cleslandir*, encontrado no *corpus*, e também em posição de última base ou mais à direita, como ocorre com a maioria dos topônimos e com o neológico *Giorlando*, ocorrência encontrada no *corpus*.

Traçaremos agora um corolário do *corpus* investigado no tocante à utilização dos formativos germânicos. De B a Z foram computados 897 antropônimos neológicos, dos quais 96 resultam de um processo de formação neológica antroponímica utilizando em sua constituição ao menos um formativo de origem germânica, o que corresponde a 10,7% do *corpus* analisado. A primeira impressão é a de que a proporção encontrada é não é tão relevante quanto se poderia supor. Entretanto, ressaltamos que é importante atentar para a maneira como essa construção se dá, pois envolve o mesmo modelo de formação utilizado pelos germânicos, o bitemático. Dessa forma, esse percentual é bem mais alto ao se considerar as demais formações bitemáticas que envolvem outras influências linguísticas, como as construções que envolvem formativos do inglês, caso que não se verifica em relação às nossas outras “heranças” como a latina, a hebraica e a grega – esta última com baixíssimas ocorrências na antroponímia brasileira, com exceção dos casos mais famosos como *Sócrates*.

Ainda sobre os dados, no que tange ao sexo dos indivíduos, assim como será demonstrado no Quadro 6, verificamos que 45 prenomes correspondem ao sexo feminino, 40 prenomes correspondem ao sexo masculino e 11 não podem ser atribuídos com certeza nem ao sexo feminino, nem ao sexo masculino, pois não houve acesso aos dados da matrícula dos vestibulandos.

Quadro 6 – Prenomes quanto ao sexo dos indivíduos

Prenomes/sexo do indivíduo	Feminino	Masculino	Não identificado
	Cazildete, Dailze, Damares, Delma, Delsilene, Edclea, Edeilice, Ediana, Edijane, Edileide, Edilene, Edilla, Edineia, Edirlainne, Edjane, Edmara, Edmildes, Elenilma, Edvania, Elzenita, Eulla, Franciane, Francielle, Francineia, Gilmara, Gilneia, Gilsie, Gilza, Gracielma, Ilza (2x), Ivanilda, Ivanildes, Jailza, Joelza, Josenilda, Josimara, Lucimara (2x), Nildes, Nilmara, Odeilma, Renilda, Roquildes, Valdelia.	Delson, Denivan, Edemario, Edenildo, Edenilton, Ederaldo, Ederval, Edinaldo, Edmagno, Edwardes, Elivaldo, Enaldo, Erisvaldo, Florisvaldo, Francinaldo, Gersinio, Gerval, Gilmar (5x) Giorlando, Ivanberg, Jhosemberg, Josival, Julival, Lenivaldo, Lindomar, Rosinaldo, Rudival, Serivaldo, Sonival, Valdir (2x), Valmiro, Valnei, Vandilson, Wanildo, Zenaldo.	Cleslandir, Delci, Deleni, Edie, Eliomar, Francislai, Gilcimar, Gilsimar, Lucimar, Neomar, Neumar.
TOTAL	45 ocorrências	40 ocorrências	11 ocorrências

Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto à produtividade dos formativos, para os que ocuparam a primeira posição ou a posição mais à esquerda na estrutura dos neológicos antropônimos, verificamos a maior produtividade de Ed-/Edi-/Ede-, aparecendo em 23% de todas as ocorrências no *corpus*, e do formativo Gil-, com um percentual de 11%. Continuando a escala de recorrência, aparecem os formativos Franci- e Del-, com 5%, cada. Os dois formativos menos recorrentes foram Ger-, com 2%, e Lind-, com 1%. Ressaltamos que em todos os antropônimos construídos com os formativos de posição inicial ou mais à esquerda, exceto Ger- e Van-, foi possível encontrar ocorrências de prenomes femininos e masculinos, não proporcionando o elemento de posição inicial ou mais à direita nenhum impedimento nesse aspecto. Isso porque, como já explicado, a configuração do gênero se faz através do formativo de última posição ou base mais à direita.

Além disso, também observamos que há pelo menos uma ocorrência para cada formativo, em que a construção do antropônimo neológico se deu através de mais de um formativo germânico, que são os casos de *Delma*, *Edenildo*, *Ederaldo*, *Ederval*, *Edinaldo*, *Edmara*, *Edmildes*, *Francinaldo*, *Gerval*, *Gilcimar*, *Gilmar* (cinco ocorrências), *Gilmara*, *Gilsimar*, *Lindomar* e *Valmiro*, totalizando 19 ocorrências.

Para os formativos de última posição, a maior produtividade morfêmica envolveu os elementos -mar, aparecendo em 20% de todos os prenomes neológicos que envolvem formativos germânicos em suas construções; e -aldo/-naldo/-valdo, com 11%. Seguindo a escala de recorrência estão o -ilda/-ildes/-ildo, com 10%; e o -elza/-ilza/-ilze, com 7%. Os formativos menos recorrentes foram o -elma/-ilma, o -berg e o -land³⁸, com 2%, cada; e, por fim, o -mir, com apenas 1%. Com relação ao sexo dos indivíduos, essa situação é um pouco diferente, pois o elemento de posição final ou mais à direita pode influenciar no sexo a que se destina o antropônimo, como no caso do -aldo/-naldo/-valdo, em que o “o” já é atribuído ao sexo masculino e no caso de -elma, no qual o “a” favorece a construção de antropônimos femininos. Logicamente, assim como nos elementos de primeira posição ou mais à esquerda, também ocorreram casos em que a construção do antropônimo neológico utiliza mais de um formativo germânico, como nos 19 prenomes já mencionados.

Os formativos Val-/-val e o Van-/-van, que totalizam, respectivamente, 11% e 2% das ocorrências, ocupam as posições de primeira base (ou base mais à esquerda) e de última base (ou base mais à direita) a depender do antropônimo neológico encontrado no *corpus*. Mais especificamente, encontramos cinco antropônimos neológicos com o Val- atuando na primeira base, seis com o -val atuando na última base, um com o Van- atuando em primeira base e uma com o -van atuando em última base.

Os Quadros 7 e 8, a seguir, expõem os formativos mais produtivos para a primeira base (ou base mais à esquerda) e para a última base (ou base mais à direita), respectivamente.

³⁸ Na verdade, das duas ocorrências com o formativo germânico -land-, uma se refere à posição medial e a outra se refere à posição de última base ou mais à direita.

Quadro 7 – Formativos mais produtivos para a primeira base (ou base mais à esquerda)

Formativo/posição ocupada na estrutura do neológico	Primeira base (ou base mais à esquerda)
Ed-/Edi-/Ede-	23%
Gil-	11%
Franci-	5%
Del-	5%

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 8 – Formativos mais produtivos para a última base (ou base mais à direita)

Formativo/posição ocupada na estrutura do neológico	Última base (ou base mais à direita)
-mar	20%
-aldo/-naldo/-valdo	11%
-ilda/-ildes/-ildo	10%
-elza/-ilza/-ilze	7%

Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre os processos de formação de antropônimos neológicos, não foram verificadas construções resultantes de anagramas nem de braquissesias. Entretanto, quanto à acrossemia, acreditamos existir alguns casos, como no prenome *Francislai*, que parece ser oriundo da combinação de dois outros nomes, como *Francisco* e *Laís*, por exemplo. Porém, para ter certeza quanto à ocorrência de acrossemia, seria preciso consultar os próprios indivíduos para conhecer a motivação dos seus nomes. Duas formações de diminutivos são encontradas – *Cazildete* e *Elzenita*. São vários os casos de alternâncias de antropônimos masculinos para femininos e vice-versa como nos prenomes *Ivanilda*, em que *Ivanildo* se encontra dicionarizado.

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que este estudo propõe algumas reflexões valiosas acerca de definições e características relevantes para a onomástica, ainda pouco explorada no âmbito dos estudos linguísticos. Para tanto, gostaríamos de reforçar a contínua necessidade de pesquisas nessa área a fim de informar e resgatar traços da nossa própria identidade. Esse apelo se estende à lexicografia, uma vez que, diante de tantos dicionários referentes ao léxico comum, contrapõe-se a escassez de material dessa natureza no que tange ao léxico dos nomes próprios. Fazer onomástica é fazer história, envolve conhecimentos antropológicos, paleográficos, sociológicos e também engloba muitos aspectos do saber linguístico, constituindo-se, assim, uma área extremamente vasta e transdisciplinar.

Através desta pesquisa, observamos, assim como outros autores já defendiam (a exemplo de Ivo Castro), o quanto o fenômeno linguístico do neologismo é bastante utilizado na antroponímia brasileira em oposição à situação verificada na antroponímia portuguesa, por exemplo. A partir dessa constatação, buscamos esclarecer como essas construções de antropônimos neológicos se dão, uma vez que nos chamou atenção a diversidade de formativos utilizados hoje, mas que remontam a aspectos de um passado bastante longínquo.

Ao observar parte do quadro de antropônimos neológicos em dados sincrônicos recentes, podemos perceber que uma parcela significativa dessas criações são cunhadas sobre modelos previamente dados, atuando sobre essas instâncias o princípio da analogia, tão fundamental para a constituição de um léxico hierarquizado. Assim, defendemos que a criação de antropônimos neológicos dificilmente corresponde a formações *ex nihilo*, ou seja, não se tratam de criações aleatórias, do nada.

Diante de todos os fatores já elencados no decorrer deste estudo, conseguimos revelar um forte indício da sobrevivência do modelo antroponímico germânico e que não deve ser desconsiderado, demonstrando como os nomes designativos no Brasil ainda estão plenamente influenciados não só pelos formativos germânicos, mas pelo modelo construcional adotado, esclarecendo novamente o que já foi dito na seção 5, ou seja, de que não tratamos neste trabalho de uma influência germânica como fruto de um contato sincrônico/contemporâneo, mas sim do contato linguístico que se deu na Península Ibérica durante a invasão bárbara (século V d.C.).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues. O que escrevem sobre os prenomes de brasileiros: leituras de José Pedro Machado. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; OLIVEIRA, Klebson; AMARANTE, José (Org.). *Várias navegações: português arcaico, português brasileiro, cultura escrita no Brasil, outros estudos, em homenagem a Therezinha Barreto*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 447-478.
- ALMEIDA, Ariadne; LOBO, Tânia; SOLEDADE, Juliana. *Projeto Todos os nomes: análise sócio-histórica, mórfico-semântica e etimológica da antroponímia baiana*. Salvador: UFBA, 2003.
- ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; GONÇALVES, Carlos Alexandre Gonçalves. O léxico e construções do PB: propostas para novos e antigos problemas. In: ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos; SOLEDADE, Juliana (Org.). *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 411-428.
- ALVES, Maria Ieda. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- ALVES, Ieda Maria. Os conceitos de neologia e neologismo segundo as obras lexicográficas, gramaticais e filológicas da língua portuguesa. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 2002. p. 203-221.
- AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. *Alfa: revista de linguística*, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 63-82, 2011.
- BASILIO, Margarida Maria de Paula. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BOOIJ, Geert. Compounding and derivation: evidence for construction morphology. In: DRESSLER, Wolfgang U. et al. (Ed.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 109-131.
- BOOIJ, Geert. Construction morphology. *Language and Linguistics Compass*, United Kingdom, v. 4, n. 7, p. 543-555, 2010. Disponível em: <<https://geertbooij.files.wordpress.com/2014/02/booiij-2010-construction-morphology-lg-linguistics-compass.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2016.
- BRASIL. Congresso. Senado. Decreto nº 18.542, de 24 de dezembro de 1928. Aprova o regulamento para execução dos serviços concernentes nos registros públicos estabelecidos

pelo Código Civil. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 24 dez. 1928.

BRASIL. Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973. Dispõe sobre os registros públicos, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 31 dez. 1973. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6015_original.htm>. Acesso em: 16 nov. 2015.

BRASIL. Lei nº 9.708, de 18 de novembro de 1998. Altera o art. 58 da Lei nº 6.015, de 31 de dezembro de 1973, que dispõe sobre Registros Públicos, para possibilitar a substituição do prenome por apelidos públicos notórios. Brasília, DF, 19 nov. 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9708.htm>. Acesso em: 16 nov. 2015.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 11 jan. 2002.

CÂMARA JR, Joaquim Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1997.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. As origens dos nomes de pessoas. *Domínios de Linguagem*. Minas Gerais, v. 1, n. 1, p. 1-18, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11401/6686>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

CASTRO, Ivo. A atribuição do nome próprio no espaço luso-brasileiro: dados paulistas. In: BOULLÓN AGRELO, Ana Isabel; KREMER, Dieter. *Novi te ex nomine: estudos filológicos oferecidos ao Prof. Dr. Dieter Kremer*. [A Coruña]: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2004, p. 245-256.

CASTRO, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991. p. 145-151.v. 1.

CORREIA, Margarita. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola, 2012.

DIAS, Luciana. Aspectos da antroponímia no português arcaico. In: *Novos tons de Rosa: ...para Rosa Virgínia Mattos e Silva*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 11-26.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e antroponímia no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Coletânea de Estudos, 1990.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

FONTELA, Orides. *Poesia Reunida [1969-1996]*. São Paulo: Cosac Naify, 2006. (Ás de Colete).

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Atuais tendências em formação de palavras no português brasileiro. *Signum: estudos da linguagem*, Londrina, v. 15, n. 1, p. 169-199, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/10721/11171>>. Acesso em: 12 maio 2016.

GONÇALVES, Carlos Alexandre; ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão de. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa: revista de linguística*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 165-193, 2014. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5771/4922>>. Acesso em: 18 nov. 2014.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

HENRIQUES, Claudio Cezar. Escritores, epítetos e dicionário: uma parceria afinada. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Editora UFMS: Associação Editorial Humanitas, 2007. p. 223-233. v. 3.

JACKENDOFF, Ray. Semantic and morphological regularities in the lexicon. *Language*, v. 51, n. 3, p. 639-671, 1975.

JACKENDOFF, Ray. *The architecture of the language faculty*. Cambridge: MIT Press, 1997.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*: v. II. Lisboa: Horizonte: Confluência, 2003.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Germanismos e arabismos no período formativo da língua. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA ABREM, 5., 2003, Salvador. *Anais...* Salvador: ABREM/UFBA, 2003.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; PALOMANES; Roza. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.) *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 177-192.

MENDES, Clóvis. O nome civil da pessoa natural: direito da personalidade e hipóteses de retificação. *Jus Navigandi* [S.l.], 2009. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/13015/o-nome-civil-da-pessoa-natural>>. Acesso em: 2 mar. 2016.

MEXIAS-SIMON, Maria Lúcia; OLIVEIRA, Aileda de Mattos. O nome do homem: reflexões em torno dos nomes próprios. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

MOTA, Maria Alice. *Formas de referência a pessoas: uma abordagem variacionista*. 2013. 173f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

PIEL, Joseph Maria. Origens e estruturação histórica do léxico português. In: _____. *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*. Lisboa: IN/CM, 1989. p. 9-17.

POSSIDÔNIO, Priscila Maria de Oliveira. A criação de nomes próprios no português brasileiro: aspectos mórficos da neologia antroponímica. In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE PESQUISA, 2007, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, 2007. p. 1-11.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia geral*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SILVA, Hayla Thami da; GONÇALVES, Carlos Alexandre. Hipocorização em português: o padrão de cópia dos segmentos à esquerda. In: CONGRESSO NACIONAL DE FILOLOGIA E LINGÜÍSTICA, 8., 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: CiFeFil, 2004. p. 63-71.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília, DF: Instituto nacional do livro, 1979.

SOLEDADE, Juliana. A antroponímia no português arcaico: aportes sobre a sufixação em nomes próprios personativos. In: LOBO, Tânia et al. (Org). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 323-336.

SOLEDADE, Juliana. *Germanismos antroponímicos do português: estudo morfológico*. Inédito. Apresentado no Congresso Internacional de Linguística Histórica – Homenagem a Rosa Virgínia Mattos e Silva. Salvador: UFBA; UEFS; UNEB, 26 a 29 de julho de 2009. (Mimeo).

SOLEDADE, Juliana; LOPES, Mailson. Uma proposta de revisão do conceito de morfema. In: ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos; SOLEDADE, Juliana (Org). *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 429-461.

SOUZA, Ana Carolina Horta de. A recorrência de Anas e de Antônios na formação dos nomes duplos na antroponímia baiana. In: *Novos tons de Rosa: ...para Rosa Virgínia Mattos e Silva*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 129-141.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Ferreira da Cunha. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução de Mateus, J. A. Osorio. 2. ed. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1967.

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

APÊNDICE A – Segmentação dos formativos relativos aos prenomes encontrados no *corpus*

Prenomes encontrados no <i>corpus</i>	Segmentação dos formativos
Cazildete	CAZ + ILD + ETE
Cleslandir	CLES + LAND(I) + R
Dailze	DA + ILZE
Damares	DA + MAR(ES)
Delci	DEL + CI
Deleni	DEL + ENI
Delma	D(EL) + ELMA
Delsilene	DEL + SI + LENE
Delson	DEL + SON
Denivan	DEN + I + VAN
Edclea	ED + CLEA
Edeilice	EDE + I + LICE
Edemario	EDE + MARIO
Edenildo	EDE + N + ILDO
Edenilton	EDE + N + ILTON
Ederaldo	EDE + R + ALDO
Ederval	EDE + R + VAL
Ediana	EDI + ANA

Edie	EDI + E
Edijane	EDI + JANE
Edileide	EDI + LEIDE
Edilene	EDI + LENE
Edilla	ED + ILLA
Edinaldo	EDI + NALDO
Edineia	EDI + NEIA
Edirlainne	EDI + R + LAINNE
Edjane	ED + JANE
Edmagno	ED + MAGNO
Edmara	ED + MAR(A)
Edmildes	ED + M + ILDES
Edvania	ED + VANIA
Edwardes	ED+ WARDES
Elenilma	EL(E) + N + ILMA
Eliomar	ELI + O + MAR
Elivaldo	ELI + VALDO
Elzenita	ELZ(E) + N + ITA
Enaldo	E + NALDO

Erisvaldo	ERIS + VALDO
Eulla	EULL(A)
Florisvaldo	FLOR(I) + S + VALDO
Franciane	FRANCI + ANE
Francielle	FRANCI + ELLE
Francinaldo	FRANCI + NALDO
Francineia	FRANCI + NEIA
Francislai	FRANCI + S + LAI
Gersinio	GER + SINIO
Gerval	GER + VAL
Gilcimar	GIL + CI + MAR
Gilmar	GIL + MAR
Gilmara	GIL + MAR(A)
Gilneia	GIL + NEIA
Gilsie	GIL + SIE
Gilsimar	GIL + SI + MAR
Gilza	G(IL) + (IL)ZA
Giorlando	GIOR + LAND(O)
Gracielma	GRAC(I) + ELMA

Ilza	ILZA
Ivanberg	IVAN + BERG
Ivanilda	IVAN + ILDA
Ivanildes	IVAN + ILDES
Jailza	JA + ILZA
Jhosemberg	JHOSE + M + BERG
Joelza	JO + ELZA
Josenilda	JOSE + N + ILDA
Josimara	JOSI + MAR(A)
Josival	JOSI + VAL
Julival	JULI + VAL
Lenivaldo	LENI + VALDO
Lindomar	LIND(O) + MAR
Lucimar	LUCI + MAR
Lucimara	LUCI + MAR(A)
Neomar	NEO + MAR
Neumar	NEU + MAR
Nildes	N + ILDES
Nilmara	NIL + MAR(A)

Odeilma	ODE + ILMA
Renilda	REN + ILDA
Roquildes	ROQU(I) + ILDES
Rosinaldo	ROS(I) + NALDO
Rudival	RUDI + VAL
Serivaldo	SERI + VALDO
Sonival	SONI + VAL
Valdelia	VAL + DELIA
Valdir	VAL + DIR
Valmiro	VAL + MIR(O)
Valnei	VAL + NEI
Vandilson	VAN(D) + ILSON
Wanildo	WAN + ILDO
Zenaldo	ZEN + NALDO

ANEXO A

O nome (Orides Fontela, 1940-1998)

A escolha do nome: eis tudo.

O nome circunscreve
o novo homem: o mesmo,
repetição do humano
no ser não nomeado.

O homem em branco, virgem
da palavra
é ser acontecido:
sua existência nua
pede o nome.

Nome
branco sagrado que não
define, porém aponta:
que o aproxima de nós
marcado do verbo humano.

A escolha do nome: eis
o segredo.